

VESTIR OS NUS



ATO I

LUDOVICO - Pronto, estou aqui. Sente-se, por favor. Ah, meu Deus, essas janelas! Acabariam com a paciência de um santo! Mas, se a gente deixa fechado, logo surge aqui dentro um cheiro de mofa insuportável. Casa velha é assim mesmo. Mas vamos, tire o chapéu. Vamos...

HONORINA - Pode-se entrar?

LUDOVICO - Mas, como? A senhora estava no meu quarto?

HONORINA - Pus a roupa de cama nova... limpa... conforme o senhor me recomendou hoje de manhã.. naquele bilhete que deixou em cima da mesa.

LUDOVICO - Ah, é...

HONORINA - Mas se eles devem servir para... Escute: será melhor que falemos claramente. Vou me livrar desses lençóis e desta vassoura, e...

LUDOVICO - Sim, será mais decente.

HONORINA - Logo o sr. vem falar de decência!



LUDOVICO - Vamos... se a sra. mesmo sentiu a necessidade de "se livrar" deles...

HONORINA - Perfeitamente. Mas eu vou me livrar de tudo, ouviu? De tudo, não somente dos lençóis e da vassoura!

LUDOVICO - Que é que a sra. quer dizer? Fale, estou ouvindo.

HONORINA - Por exemplo, dessa mulher que o sr. me traz para dentro de casa! Isso lhe parece decente?

LUDOVICO - Faça o favor de falar com mais respeito, se não...

HONORINA - Se não o quê? Vou falar sem rodeios, com tôdas as letras! Me deixe largar êsses trechos na saleta: volto já.

LUDOVICO - Ah! megera de uma figa!

ERSÍLIA - Não ,não! Por favor! Deixe-me ir embora!

LUDOVICO - Nada disso. Estou na minha casa. E você ficará aqui.

HONORINA - Aqui? Na "sua" casa? O sr. está num apartamento alugado... de minha propriedade... minha e não sua, ouviu? O sr. alugou êsses aposentos de uma mulher respeitável!

LUDOVICO - Respeitável? Quem, a senhora?

HONORINA - Sim, senhor! Eu mesma!

LUDOVICO - Está dando uma bela prova disso!

HONORINA - Justamente! A prova é esta: não permito que traga mulheres para cá!

LUDOVICO - A sra. é impertinente!

HONORINA - Veja como fala!

LUDOVICO - Uma impertinente, malcriada, incapaz de perceber com quem está lidando!

ERSÍLIA - Sou uma pobre doente. Acabo de sair do hospital.

LUDOVICO - Não se dê ao trabalho de fornecer explicações a essa mulher!

HONORINA - Bem, se a sra. está doente...

LUDOVICO - E agora chega. A sra. não me pode proibir de ceder um dos meus aposentos por alguns dias.

HONORINA - O sr. não tem direito! Foi eo sr., unicamente ao sr. , que aluguei o apartamento!

LUDOVICO - E se chegasse aqui minha irmã... alguma parente minha?

HONORINA - Elas que vão morar no hotel!?

LUDOVICO - Ah! eu não teria o direito de hospedá-las aqui por algum tempo?

HONORINA - Bom, para início de conversa, esta môça não é parente do senhor. Ou pensa que vou engulir isso?

LUDOVICO - Que é que a senhora sabe? E se fôsse eu , eu mesmo, para o hotel ?



HONORINA - Nesse caso, o sr. sempre teria que pedir a minha autorização.

LUDOVICO - A sua autorização?

HONORINA - Sêm, senhor! E com bons modos, ainda por cima! ... E, visto que a casa tem cheiro de môfo, como o sr. dizia ainda há pouco, por que não se muda daqui? Eu não peço outra coisa!

LUDOVICO - Pois eu vou me mudar, o mais cêdo possível! Enquanto isso, x saia e me dêixe em paz!

HONORINA - O sr. vai de mudar?

LUDOVICO - Dentro de poucos dias. No fim do mês.

HONORINA - Ah! Ótimo, ótimo.

LUDOVICO - Então, quer sair daqui?

HONORINA - Já vou, já vou. Com o maior prazer! E prefiro não dizer nada, ouviu? Prefiro não dizer nada!

LUDOVICO - Que víbora! Queira desculpar. Você chega aqui, e logo assiste a uma cena estúpida...

ERSÍLIA - Não se desculpe, por favor. Sinto muito que, por inha causa...

LUDOVICO - Mas não. Faz mais de um ano que eu luto contra essa bruxa velha. Estou amarrado, não sei por qual sortilégio, a tôdas essas coisas horrendas. Não era assim que você imaginava... diga a verdade... o apartamento de um "conhecido escritor" ?

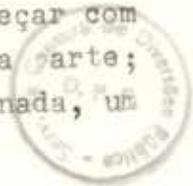
ERSÍLIA - Oh, não! Quero dizer, isso para mim, não tem importância. Mas causa certa tristeza, ver que um homem como o senhor, um homem famoso...

LUDOVICO - No fim do mês teremos um pequeno apartamento...pequeno, porém delicioso... no Macao, na rua Sommacampagna, com vista para o parque, amanhã mesmo vamos vistá-lo. Compraremos juntos todos os móveis. Faço questão de que arrume seu ninho com suas próprias mãos.

ERSÍLIA - Oh, se é só por minha causa...



LUDOVICO - Não, não, Eu tinha mesmo que sair daqui! Apenas, eu sou desse tipo que custa a se decidir. Se você soubesse como estou feliz com essa idéia que tive... de escrever a você... e , agora, de começar com você uma existência nova... Um pântano imóvel; mósca por tôda a parte; um calor sufocante; de repente, volta-se a respirar: que foi? nada, um pouco de vento. É isso que está acontecendo em minha vida.



ERSILIA - Realmente, não sei como agradecer ao sen hor.

LUDOVICO - Pois eu vou lhe dizer como. É prexiso, antes de mais nada, que você aprenda a dizer "você" em vez de "senhor". Mas, acredite, não há de que agradecer . Eu, ao contrário, devo agradecer a você, por haver aceito o pouco que eu posso oferecer!

ERSILIA - Pouco? Mas é muito! É tudo!

LUDOVICO - Para você, pode ser. Quero dizer: o pouco que ofereço, você poderá torná-lo maior... maior e mais belo.

ERSILIA - O senhor não deve falar assim!



LUDOVICO - O senhor, não, "você".

ERSILIA - Preciso me acostumar. Não imagina como estou emocionada.

LUDOVICO - Emocionada? Por que?

ERSILIA - Por esta sorte que eu tive...

LUDOVICO - Sorte? Só porque eu sou romancista?

ERSILIA - Sim... que a narração de meus sofrimentos, publicada pelos jornais, e o meu ato de desespero, tenham conseguido despertar a atenção, a compaixão...

LUDOVICO - O interêsse, o interêsse.

ERSILIA - De um homem como o senhor. Como você.

LUDOVICO - Sim... lendo aquêlê jornal, eu me senti empolgado, exatamente como me acontece, às vezes, assistindo a algum caso humano, ou ouvindo contar... Denti essa ruptura misteriosa, essa emoção súbita, que sempre nos avisa de que acabamos de encontrar, sem querer, o germen, o tema, de uma novela ou de um romance.

ERSILIA - E o senhor pensou... quero dizer, você pensou... em escrever a minha história?

LUDOVICO - Não. Procure compreender. Você não vai imaginar que eu quis conhecê-la pessoalmente, apenas por uma curiosidade de artista! O que eu fiz ainda há pouco, foi uma simples comparação, para que você compreendesse o interesse imediato que tive pelo seu destino.

ERSILIA - Se a minha pobre vida, se tôdas essas misérias, tôdas essas tristezas, pudessem ao menos servir para isso...

LUDOVICO - Para isso? Quer dizer: para que eu escrevesse um romance?

ERSILIA - E por que não? Ficaria tão feliz, e tão orgulhosa! Orgulhosa, sim! Realmente.

LUDOVICO - ~~Roxo~~ Pronto: estou frito!

ERSILIA - Por que?

LUDOVICO - Porque, sem querer, você está me tratando de velho.

ERSILIA - Eu? Mas não, eu queria dizer...

LUDOVICO - Um romancê, meu bem, só tem duas saídas: ou a gente o escreve, ou a gente o vive. Eu dêsse que, no momento, eu me senti inspirado...mas para vivê-lo, não para escrevê-lo! Eu estendo os braços para você... e você, em vez de me oferecer, que sei eu, suas mãos, sua bôca... você me passa a caneta-tinteiro para que eu comece a escrever!

ERSILIA - É cedo, ainda...

LUDOVICO - Para me oferecer sua bôca? Evidentemente. Compreendo. Mas... cedo demais, ou tarde demais?

ERSILIA - Não, tarde demais, não é

LUDOVICO - Está vendo a diferença entre o que se passa comigo e o que acontece a você? Eu fico meio ofendido com a idéia de que você tome o meu interesse por uma atitude literária... e você, ao contrário, fica, se não ofendida, digamos, desconfante, quando lhe digo que o escritor, se quisesse fazer obra de escritor - sendo um home... bem, digamos experiente, para não dizer velho - não precisava nem lhe oferecer hospitalidade, nem ir biscar você à saída do hospital. E sabe por que? Porque, quanto ao romance, ba tou a leitura de sua estória no jornal, para que eu o imaginasse inteirinho, de ponta a ponta.

ERSILIA - Como? Imediatamente?

LUDOVICO - Num instante. Com uma riqueza de detalhes, um luxo de elementos pitorescos... oh! Um assunto excelente! O Oriente... aquêlê palacete à beira-mar, com seu grande terraço,,, Você, governanta da casa... e menina que cai do alto do terraço e morre... Então você é despedida... Depois, sua viagem... sua chegada aqui... a terrível descoberta... Sim você descobre que seu noivo a enganou, que vai se casar com outra... Tudo, absolutamente tudo! Sem ter visto você, sem conhecer você, eu havia reconstruído tudo isto.

ERSILIA - E o senhor imaginava que eu... Como era mesmo que "você" imaginava que eu fôsse? Assim, como eu sou? De que jeito, então? Diga... diga, por favor!

LUDOVICO - Por que faz questão de saber?

ERSILIA - Gostaria de ser igualzinha àquela que você imaginava.

LUDOVICO - Só faltava isso!

LUDOVICO - Só faltava isto! Gosto muito mais de você como é na realidade. Pelos menos, do ponto de vista pessoal. Para um romance, já seria outra coisa...

ERSILIA - Mas, então... êsse romance... não é o meu... é o romance de outra mulher?

LUDOVICO - Naturalmente. O romance da mulher que eu imaginava.

ERSILIA - E... ela é muito diferente de mim?

LUDOVICO - É outra mulher.

ERSILIA - Meu Deus... mas então... não entendo... não entendo mais nada.

LUDOVICO - ~~Não? Não? Não? Não?~~

O que é que você não entende?

ERSILIA - O interêsse que você tem por mim... Sg não era a mim que se dirigia...

LUDOVICO - Não? E a quem mais?

ERSILIA - Se eu não sou a mulher que você idealizou... e do momento que minha estória, minhar desgraças, tudo o que o atraiu, lendo o jornal... era de outra... despertava o seu interêsse pela outra, que você ia criando na sua imaginação...

LUDOVICO - E então?

ERSILIA - Então só me resta ir embora.

LUDOVICO - Mas por nada deste mundo, querida! Você é quem fica. Se alguém deve ir embora, será a outra, a heroína do romance, que não é você.

ERSILIA - Como, não sou eu? Então você não acredita em mim?

LUDOVICO - Acredito sim, acredito em tudo o que você diz! ... Bem, vamos mudar de assunto... Neste momento que imaginar você numa vida nova a que será a sua vida, a que pode ser sua vida, a partir de amanhã, ao meu lado. E esta vida nova, eu quero que você a imagine - você mesma sem nenhuma lembrança de tôdas as coisas tristes por que passou!

ERSILIA - Mas, então... nem uma nem outra ... nem a heroína do romance, nem a mulher que fui até hoje... outra, ainda?

LUDOVICO - Outra sim. Aquela que você pode ser.

ERSILIA - Eu? Nunca pude ser nada. Nunca fui coisa alguma.

LUDOVICO - Que quer dizer com isso?

ERSILIA - Nada . Nunca.

LUDOVICO - Mas você existe! Você "é" !

ERSILIA - Eu sou ... o quê?

LUDOVICO - Bem, para início de conversa, você é uma moça bonita.

ERSILIA - Bonita não. E, mesmo que fôsse... uma vez que não soube aproveitar...

LUDOVICO - É sim, você tem razão... quando não se sabe aproveitar.. Pode-se ter a tentação, por um momento... sim, por desepêro... antes de se decidir a acabar com tudo... há um impulso de se largar... de escorregar até o ponto mais baixo...

ERSILIA - Meu Deus... que é que o sr. está dizendo?

LUDOVICO -



LUDOVICO - Nada. Um episódio que imaginei. Para a minha heroína, compreende? Para o tal romance! Desesperada, sem nenhuma saída, certa noite... ela se olha no espelho enferrujado do seu quarto de hotel... e então uma resolução brusca... uma inspiração líuca... Não tem mais nada, apenas poucas liras dentro da bolsa... e o dono do hotel vai chegar, exigindo o pagamento...

ERSILIA - Mas... isso tudo estava escrito no jornal?

LUDOVICO - Não. Eu imaginei.... Não me vá dizer que é verdade!

ERSILIA - É

LUDOVICO - Diabo! Acertei em cheio! Você naquela noite foi ... foi fazer o "trottoir" ?

ERSILIA - Fui. Fui.

LUDOVICO - E você abordou alguém ... na rua ... um transeunte qualquer.

ERSILIA - Sim, e depois ... não soube como fazer, para...

LUDOVICO - Não soube como fazer para pedir dinheiro? Não lhe deu nada? não foi? Ah! Como se isso é verdadeiro! Como é verdadeiro! Então você sentiu nojo, nojo dessa tentativa... tão repulsiva e tão inútil...

Perfeito! Mas não ... você está chorando? Por que, agora? Não... Não

ERSILIA - Me deixe... me deixe ir embora imediatamente...

LUDOVICO - Como? Que está me dizendo? Por que?

ERSILIA - Agora que o sr. sabe disso também...

LUDOVICO - Já o tinha imaginado! Compreendeu? Já tivera a intuição completa desse episódio! Exatamente igual!

ERSILIA - Sim, mas eu estou tão envergonhada...

LUDOVICO - Envergonhada por quê? Mas ... que é que está acontecendo?

ERSILIA - Estão gritando ... talvez um acidente...

HONORINA - Espatifaram um pobre velho contra o muro; um pobre velhinho Ali, em baixo dessa janela!

HONORINA - Morreu... morreu... coitado... Segura êle direito, segura êle. Quería fugir, hein?... Que cara de criminoso! ... E ainda se defende! Espatifou o coitado como se fôsse uma barata!

ERSILIA - Meu Deus... que espetáculo! Que espetáculo!

LUDOVICO - Devia ser um pequeno funcionário aposentado. Dona Honorina, feche a janela, feche por favor!

HONORINA - Êles o leveram... Para mim, já está morto.

LUDOVICO - Mesmo que não esteja, não vai chegar vivo ao hospital.

HONORINA - Vou lá embaixo saber como foi... Que desgraça! Que desgraça!

LUDOVICO - Um beco, um buraco sem calçamento, que a gente nem sabe aonde por o pé, nos dias de chuva! E há um vai-vem contínuo de fiacres, automóveis, bicicletas... E ainda acharam que podiam instalar ali, mesmo, um mercado!

ERSILIA - A rua, ... Que horror!



LUDOVICO - Mas que grande escola para um escritor! A imaginação quer de libertar de todos os entraves materiais. Lança-se, perde-se nas nuvens. Mas a rua existe, com as pessoas que passam, com todos os ruídos da vida; da vida dos outros, que nos é estranha e que todavia está presente; que desvia, interrompe, contraria, deforma... Escute; Nós vamos viver não é? Vamos compor juntos, uma estória bonita? Muito bem: agora suponha que, lá na rua, ainda há poço, por acaso, eu tivesse sido esmagado. Você não teria mais nada a fazer aqui, de pois de um fato desses. A rua teria assassinado o sonho... Você bem sabe disso, pois já teve a sua vida interrompida pelo acaso, pelo imprevisto: a queda daquela criança, do terraço.

ERSILIA

Servir, obedecer... não poder ser nada... apenas uma roupa de serviço, já surrada... que tôdas as noites voltamos a pendurar no cabide... meu Deus! Que coisa horrível não ter mais ninguém que pense na gente! Lá na rua... eu vi minha existência... Não sei como dizer... Tive a sensação de que a minha vida não era mais real, já era sonho... E tôdas as coisas em volta... os raros transeuntes, naquele jardim, ao meio dia... as árvores, os bancos... Então quis deixar de existir!

LUDOVICO - Ah, não! Isso não! Não é exato!

ERSILIA - Como não é exato? Foi então que resolvi me matar.

LUDOVICO - Sim, sim, porém criando todo um romance.

ERSILIA - Então você pensa que eu menti?

LUDOVICO - Não, não, faço do romance que você me sugeriu inconscientemente ao contar sua estória...

ERSILIA - Quando me encontraram agonizante no parque...

LUDOVICO - Sim, e depois, no hospital. Ouça: como pode dizer que ia deixar de existir, uma vez que você se tornava a personagem comovente, que impressionou todos os leitores do jornal? Você não sabe, você não pode saber, que emoção se espalhou pela cidade, quando o jornal publicou a sua estória... Você não faz idéia do interesse que você provocou. Eu sou uma prova disso!

ERSILIA - Você o tem aí?

LUDOVICO - O quê?

ERSILIA - O jornal. Gostaria de ver, de ler! Você o tem ainda?

LUDOVICO - Creio que sim. Acho que o guardei.

ERSILIA - Vá, procure-o... quero ver.

LUDOVICO - Mas não! Por que vai querer sofrer de nôvo?

ERSILIA - Mostre-me o jornal, por favor! Quero ler, quero ler o que escreveram.

LUDOVICO - Mas... suponho que escreveram o que você mesma contou.

ERSILIA - Não me lembro do que devo ter dito na quele momento. Isso é compreensível, você não acha? Quero ver. Procure-o.

LUDOVICO - Não sei onde pode ter se metido no meio dessa desordem... Deixe: mais tarde nós o procuraremos juntos.

ERSILIA - Contava tudo, do começo ao fim?





LUDOVICO - Mais de três colunas! No verão, você sabe, os repórteres, quando conseguem pescar uma estória como a sua, é uma verdadeira farrá. Enchem o jornal.

ERSILIA - E... que foi que disseram dêle... dêle?

LUDOVICO - Do seu noivo? mas... que êle havia enganado você!

ERSILIA - Não. Eu quero dizer... do outro.

LUDOVICO - Do Cônsul?

ERSILIA - Escreveram assim: o cônsul?

LUDOVICO - Sim: o cônsul da Itália em Smirna.

ERSILIA - Ai, meu Deus! Deram também o nome da cidade! Prometeram que não falaria disso!

LUDOVICO - Você sabe... promessa de jornalista...

ERSILIA - Mas era inútil! A estória seria exatamente a mesma, sem precisar o nome da cidade ou a condição de cônsul. Mas, que dizia o jornal?

LUDOVICO - Que, depois que menina precipitou-se do terraço...

ERSILIA - Minha pobre menina! Minha queridinha!

LUDOVICO - ... êle fôra de uma crueldade terrível para com você.

ERSILIA - Êle não! Êle não! A mulher dêle!

LUDOVICO - O jornal falava dêle também.

ERSILIA - Mas não, foi a mulher ... Ah, meu Deus! meu Deus!

LUDOVICO - Por ciúmes de você. Bem que imagino o tipo de mulher... em verdadeiro gendarme!

ERSILIA - Nada disso. Ela é pequenina, magricela... amarela e azêda como um limão!

LUDOVICO - Veja só! Eu imaginava o... sabe como? alta, morena, forte, as sombrancelhas muito juntas... Podia tê-la pintado!

ERSILIA - É exatamente o contrário. Mas, então... quem sabe como você me via, a mim! Ela é mesmo como eu disse, acredite.

LUDOVICO - Sim, mas eu precisava de uma mulher grandona, porque eu via a menina muito delicada, muito frágil ...

ERSILIA - Frágil? Minha Mimmetta?

LUDOVICO - Eu lhe dera o nome de Nini.

ERSILIA - Que Nini, que nada: Mimmetta, Mimmetta. Uma flor de beleza e de saúde... Você precisava ver quando ela corria sobre suas perninhas gorduchas, tôda cor de rosa... Tudo nela se mexia, até as bochechas redondinhas... e os cachos dourados! Ela só gostava de mim!

LUDOVICO - E isso naturalmente aumentava os ciúmes da mãe.

ERSILIA - Sim. Era disso, principalme te, que ela estava com ciúmes. E foi ela sabe? Foi ela, quando o outro chegou, numa viagem de instrução...

LUDOVICO - O tenente da Marinha?



ERSILIA - Sim, foi ela - ela - que criou em torno de mim, naquela noite deliberadamente, aquela atmosfera de encanto em que eu devia me perder, estava só, no meio do jardim, tonta como uma bêbada, no meio das palmeiras, de todos aqueles perfumes... o ar cheio de perfumes...

LUDOVICO - Sabe por que a sua estória é tão bonita? Porque tem o sabor do mar, do sol das noites de Oriente...

ERSILIA - Mas eu sofri tanto!

LUDOVICO - Por culpa dessa megera! Parece que a estou vendo. É a malva-
dez das pessoas que não comçeram a felicidade, e sabem que, proporcionando artificialmente essa felicidade aos outros, poderão ter o gosto de ver como ela se paga com a mais amarga desilusão... É mesmo um tema formidável!

ERSILIA - Se você a tivesse visto... Ela se mostrava maternal, comigo! Ele pediu formalmente a minha mão a cônsul e a ela mesma (sim, eu dependia deles). E ela se mostrou de uma compreensão... Facilitou tudo! Depois, logo que ele partiu... Como é possível alguém transformar-se tão bruscamente? Era um vexame constante; nada do que eu fazia era bem feito. Fui humilhada, minuto por minuto, e, no fim, ainda culpada pela morte da menina!

LUDOVICO - E pensar que fôra ela mesma quem mandara você despachar não sei o quê na cidade!

ERSILIA - Quem disse isso?

LUDOVICO - Estava no jornal.

ERSILIA - Isso, também?

LUDOVICO - Com certeza, você contou.

ERSILIA - Mas não! Eu não me lembro. Não, acho que não falei disso.

LUDOVICO - Será outro fruto da minha imaginação? Pode ser. Ou da imaginação do jornalista, que resolveu dramatizar ainda mais a injustiça, que você foi vítima. Eles despediram você, e se recusaram até a pagar sua passagem de volta... Não é exato?

ERSILIA - Isto, sim, é exato.

LUDOVICO - Como se você tivesse que indenizá-los pela morte da filha!

ERSILIA - Ela me ameaçou de dar parte à polícia... sim, ela teria aberto um processo contra mim, se não tivesse medo de que eu falasse, de que eu revelasse umas tantas coisas.

LUDOVICO - A respeito dela? Então era verdade!

ERSILIA - Não... Mas eu não quero - não quero falar. Apenas, incomoda-me essa coisa que publicaram: de que ela me mandou fazer compras na cidade. É falso. Ah, como eu queria esquecer, agora, tudo o que se passou... Quando me lembro da minha viagem de volta, de tudo o que sofri, chego a pensar que a menina emborcou comigo, a bordo do navio, para não ficar lá, perto de seus pais desumanos... Tenho a impressão de que ela só se afastou de mim na noite em que saí do hotel para...

LUDOVICO - Mas, quando você chegou aqui, não foi logo procurar seu noivo?

ERSILIA - Onde? Não sabia o endereço. Eu lhe escrevia. Fui ao Ministério da Marinha. Lá soube que ele se havia demitido.



LUDOVICO - Mas era preciso encontrá-lo, para forçá-lo a explicar sua atitude, que é um verdadeiro crime.

ERSILIA - Nunca doube me impor aos outros.

LUDOVICO - Ele prometera casar-se com você.

ERSILIA - Eu estava arrasada. Quando me disseram que ele ia se casar, a impressão dessa traição cruel, inesperada, foi tão terrível que eu fiquei fora de mim! Não tinha nem duas liras na bolsa, e então... que fazer? Pedir esmolas? Naquele banco de jardim, segurando na mão o comprimido de veneno, eu pensava na pobre criança, e procurava criar coragem dizendo a mim mesma que, se no dia anterior eu a tinha perdido, agora, dali a pouco ia encontrá-la de novo!

LUDOVICO - Vamos, vamos. Não deve mais pensar nisso. Vamos, coragem!

ERSILIA - Sim, mas... ao menos... trate de fazer de mim "aquela mulher"

LUDOVICO - Qual delas?

ERSILIA - A heroína que você imaginou. Meu Deus, se por uma vez cheguei a ser "alguma coisa", conforme você disse, então quero que você escreva isso em seu romance. Quero ser a sua heroína, mas eu mesmo, assim, como sou! Teria a impressão de ser traída, se você descrevesse uma mulher diferente.

(ERSILIA - Claro !)

LUDOVICO - Essa, então! Você acharia que alguém estava se apoderando do que lhe pertence, não é?

ERSILIA - Claro! Alguém que roubaria minha história, minha vida! Eu, que não a queria contunhar vivendo, esta vida; eu, que dentro dela sofri até o último desespero, tenho o direito, acho, de viver ao menos na história que você escreverá, e que será linda, sim, linda! Como aquela outro romance seu, que li... Espera... Como era mesmo o título? Ah "A Excluída", isso mesmo.

LUDOVICO - "A Excluída"? Ah! não, querida, você se engana. Não é um romance meu

ERSILIA - Não é seu?

LUDOVICO - Não.

ERSILIA - Veja só! Eu pensei...

LUDOVICO - É até mesmo de um escritor que eu não suporto: Pirandello.

ERSILIA - Ah, meu Deus!

LUDOVICO - Não é nada, não tem nenhuma importância... Você fez confusão, eis tudo! Você chora por causa disso? Que bobagem! Que quer que me importe se você ou qualquer outro me atribuiu um mau romance que não escrevi!

ERSILIA - Não é por isso... é que tudo é assim, na minha vida... Nada sai direito.

LUDOVICO - Quem está aí? Entre!

HONORINA - Vim inco odar? Onde está ela? Oh! ela está chorando?

LUDOVICO - Que é que há com a senhora?

HONORINA - Bem que o sr. podia ter dito, meu Jesus!, que se tratava da moça do jornal! Da. Ersília Drei, não é verdade? Coitadinha! Estou tão feliz em recebê-la aqui...



LUDOVICO - Mas, por favor ... quem foi que lhe contou?

HONORINA - Essa é boa! Li no jornal!

LUDOVICO - Estou perguntando como soube que se tratava desta moça!

HONORINA - Ah! é porque , está aí na sala de entrada... olhe... o jornalista que escreveu a reportagem.

LUDOVICO - Que é que êle quer de mim?

HONORINA - Diz que precisa falar com urgência à senhorita, para ter uns esclarecimentos.

ERSILIA - Esclarecimentos?

LUDOVICO - Como se não bastasse!

ERSILIA - Que espécie de esclarecimentos?

LUDOVICO - Mas quem foi que contou que a senhorita Dreil estava aqui?

HONORINA - Isso eu não sei.

ERSILIA - Eu também não posso imaginar! Quando falei com êle, estava longe de pensar que viria morar aqui, com você!

LUDOVICO - Ehm ... eu já estou adivinhando... foi com certeza êsse inconsciente que deu com a boca no mundo... Que é que você resolve? Mando Entrar?

ERSILIA - Não... Bem, não sei... Que esclarecimentos posso dar, ainda?

LUDOVICO - Vou falar com êle.

HONORINA - Coitadinha! Se soubesse como chorei, lendo sua estória no jornal!

ERSILIA - Que é que eles querem, ainda, de mim?

HONORINA - Mas... talvez... quem sabe...

ERSILIA - Meu Deus, não vou ter fôrça de suportar novas emoções.

HONORINA - Sente-se mal?

ERSILIA - Sim... estou me sentindo mal... aqui... Estou sufocando... Eles me salvaram, mas eu acho que me ficou alguma doença... Não me agüento de pé... e, aqui, nos rins, umas pontadas... tenho vontade de gritar...Ai, meu Deus!

HONORINA - Vamos desapertar essa roupa...

ERSILIA - Não, não . Por favor, peça-lhe que vá embora.

HONORINA - Já... já... Imediatamente. Temos doentes em casa!

- Temos doentes em casa!

- Pronto. E agora, faça o que eu lhe digo... vamos desabotoar êsse vestido... deixe que a ajude...

ERSILIA - Não, obrigada. Preciso fazer fôrça. Tenho tanto medo de que isso, também não dure...

HONORINA - Mas, de que é que está falando?

ERSILIA - Estou tão desesperada! se a sra. soubesse... tão desesperada... Não me agüento mais em pé ... Estou sufocando...



LUDOVICO = não ... não ... pode entrar...

CANTAVALLE - Despulpe, senhorita... Será que ainda se lembra de mim?

LUDOVICO - O jornalista Alfredo Cantavalle.

ERSILIA - Lembro-me, sim.

CANTAVALLE - E... a senora? Uma parente, talvez?

LUDOVICO - Não, é a dona da casa.

CANTAVALLE - Muito prazer. Eu bem sabia que a senhorita não tem família... A propósito, houve um acidente grave, nesta rua, ainda há pouco

LUDOVICO - Sim, um pobre velho.

HONORINA - Logo embaixo dessa janela: um horror!

CANTAVALLE - Morreu.

HONORINA - Ah, é? Morreu?

CANTAVALLE - Sim, minha senhora... enquanto o levaram para o hospital.

HONORINA - E... quem era ela?

CANTAVALLE - Ainda não sabemos

- Senhorita, permita que eu lhe dê parabéns pelo seu restabelecimento... e não só por isso... Aliás, uma parte desses parabéns cabem a mim, também... Sim, graças a Deus apareceu uma boa oportunidade que a srta. vai saber aproveitar... Sua triste história comoveu um escritor famoso! Prezado mestre, aquele seu amigo só diz bobagens: o sr. acaba de cumprir a melhor ação de sua vida!

- Não pode imaginar como me sinto feliz com isso, senhorita

ERSILIA - Realmente, tive muita sorte.

LUDOVICO - Vamos mudar de assunto, sim?

CANTAVALLE - Mas não, mestre, é preciso falar nisso! É até muito bom que possamos contar com seu testemunho. Vou me explicar... Posso falar na presença de....

HONORINA - Eu me retiro... mas... cuidado com a môça que não está passando bem...

LUDOVICO - Que é que você tem?

ERSILIA - Não sei. Estou suando frio. Uma angústia... Parece que tenho uma bola aqui...

HONORINA - Ouça bem o que eu lhe digo: venha como para o quarto...

ERSILIA - Não... não...

HONORINA - Assim poderá se deitar.

LUDOVICO - Mas é lógico... se você não está se sentindo bem ...

HONORINA - Meia hora de cama, e tudo passará.

ERSILIA - Não, obrigada, deixe. Ainda posso resistir.

CANTAVALLE - As consequências das intoxicações... é sempre assim... Mas a srta., agora, vai ver como tudo passa depressa... se tratar da saúde, é claro...



LUDOVICO - E se a deixarem em paz!

HONORINA - Bem, querida, eu estou à sua disposição. Disponha de mim sem cerimônias. Se precisar de alguma coisa, chame.

ERSILIA - Está bem, muito obrigada.

HONORINA - Bem... eu me retiro...

CANTAVALLE - Até logo, minha senhora, e muito prazer.

HONORINA - Não a cansem... não a obriguem a falar... Não estão vendo a cara que ela tem? Coitadinha!

CANTAVALLE - Estou desolado por ter de incomodar dessa maneira...

LUDOVICO - Por favor, meu amigo, vamos depressa.

CANTAVALLE - Dois minutos, prezado mestre, dois minutos.

LUDOVICO - Afinal, pode-se saber o que é que ele quer, êsse cônsul?

ERSILIA - O Cônsul?

LUDOVICO - Êle mesmo. Era melhor que êle ficasse quieto!

ERSILIA - Êle está aqui?

CANTAVALLE - Está, sim senhora. Veio ontem à redação, queria quebrar tudo!

ERSILIA - Ah, meu Deus, meu Deus!

LUDOVICO - Disse que queria desmentir... mas, desmentir o quê?

CANTAVALLE - Tudo. Quer que eu desmintu tudo.

ERSILIA - Está vendo o mal que o sr. me fez? Eu não queria! E o sr. me prometeu evitar...

CANTAVALLE - O mal que eu lhe fiz? Mas, como...?

ERSILIA - Sim, sim! O sr. publicou o nome da cidade... disse de que pessoa se tratava....

LUDOVICO - Um desmentido geral... Mas por quê?

CANTAVALLE - Desculpe, mestre, mas preciso responder à certa... O nome dêle, com tôdas as letras, ... eu não publiquei.

LUDOVICO - Mas você fez muito bem em desmascarar êsse sujeito!

CANTAVALLE - Eu escrevi apenas: "nosso cônsul em Smirna". Como quer que o público saiba que é nosso cônsul em Smirna? Eu mesmo não sabia e ainda não sei o nome. Tudo podia imaginar, menos que êsse camarada se precipitasse como um bôlido na redação do jornal!

ERSILIA - Meu Deus... meu Deus...

LUDOVICO - Êle veio a Roma só para isso?

CANTAVALLE - Não, não veio expressamente. Foi por causa da morte da menina... queq, aliás, nós relatamos... Diz que a mulher dêle está meio louca... que não suporta mais viver na casa onde aconteceu a desgraça... Isto, aliás, é compreensível!

ERSILIA - Sim, sim... era o que ela dizia...

CANTAVALLE - Veia pedir transferência ao Ministro, entendeu? E chegando aqui, leu o jornal. E então, meu caro mestre, ficou uma fera!

LUDOVICO - Mas por quê?

CANTAVALLE - Como "por quê"? Ele tem uma situação oficial que precisa defender... compreende? Cônsul! Ameaçã mover um processo por calúnia, contra o jornal...

LUDOVICO - Um processo? Mas, afinal, que foi que o sr. escreveu a respeito dêle?

CANTAVALLE - Êles diz que só publicamos mentiras... mentiras que, tôdas, o prejudicam e o desmoralizam!

LUDOVICO - Mentiras?

ERSILIA - Ainda não sei o que foi que o sr. escreveu sôbre o cônsul, a mulher dêle, a desgraça...

CANTAVALLE - Juro, srta. que só publiquei, fielmente, o que a srta. contou. Nada mais, nada menos. Naturalmente, deixei transparecer tôda a emoção que sentia... mas não mudei uma vírgula nos detalhes que a srta. nos forneceu. Poderá constatar isso lendo o jornal.

LUDOVICO - Deve estar por aí...

CANTAVALLE - Não procure, mestre, eu vou lhe mandar umas cópias...
- Quero que compreenda tôda a consideração que tenho pela srta.... Vim expressamente perguntar-lhe qual é a atitude que devo assumir diante das ameaças desse homem!

ERSILIA - Mas êle não tem nada a reclamar... não pode lhe fazer nenhuma ameaça, êle!

CANTAVALLE - Melhor assim, melhor assim.

ERSILIA - Ai... estou me sentindo mal...

LUDOVICO - Ersília... Ersília... não!

CANTAVALLE - Senhorita, não, não... calma, por favor...

LUDOVICO - Que é que você tem? Não chore dêsse jeito!

CANTAVALLE - Não há motivos para isso...

LUDOVICO - Meu Deus, está desmaiando... chame Da. Honorina...

CANTAVALLE - Dona Honorina! Dona Honorina!

LUDOVICO - Dona Honorina!

CANTAVALLE - Dona Honorina!

LUDOVICO - Vamos, Ersília... por favor, faça um esforço... peço-lhe... não é nada, Ersília...

HONORINA - Estou aqui, estou aqui! Oh, coitadinha! Levanta-lhe a cabeça Sim, assim,.. Coitadinha! Bem que eu disse que não deviam fazê-la falar, que deviam deixá-la em paz!

CANTAVALLE - Está voltando a si...

LUDOVICO - Vamos levá-la para o quarto...

HONORINA = Espere um pouco...





LUDOVICO - Ersília!

HONORINA - Vamos, minha filha... já passou, já passou...

LUDOVICO - Procure ter coragem...

CANTAVALLE - Não é nada, senhorita, não é nada!

ERSILIA - Meu Deus, eu caí!

LUDOVICO - Você não caiu... Mas você nos pregou um susto!

ERSILIA - Não caí?

~~XXXXXX~~ LUDOVICO - Não, mesmo!

HONORINA - Veja se pode ficar em pé!

LUDOVICO - Assim... assim... devagar...

ERSILIA - Tive a impressão de estar caindo... De repente, pareceu que eu era de chumbo...

- Meu Deus, não! Não!

LUDOVICO - Vamos, Ersília... diga o que você está sentindo...

ERSILIA - Vamos embora, vamos embora...

HONORINA - Isso mesmo, vamos para o quarto.

LUDOVICO - Vamos pôr você na cama... degagrinho...

HONORINA - Sim, ande devagar... eu ficarei ao seu lado... a sra. ficará deitadinha.

LUDOVICO - Alguns minutos de repouso, e tudo passará.

ERSILIA - Não quero ver mais nada... não quero ouvir nada...

HONORINA - Fique aqui. Eu cuidarei dela.

LUDOVICO - Poderiam deixá-la em paz, afinal de contas, essa pobre criatura!

CANTAVALLE - Pessoalmente, estou desolado, meu caro mestre. Mas eu não disse tudo. Há outra coisa que a srta. Drei não sabe.

LUDOVICO = Outra coisa?

CANTAVALLE - Sim, senhor. É melhor que o sr. saiba. Foi o próprio cônsul quem contou, lá no jornal.

LUDOVICO - O cônsul que vá para o diabo.

CANTAVALLE - Espere um pouco. Bem... não cabe a mim dizer... mas a minha reportagem fez um sucesso danado, causou efeitos formidáveis... Imagine que a noiva do tenente, indignada com o comportamento dele, não quer mais casar, compreendeu?

LUDOVICO - Ah, é ?

CANTAVALLE - Que é que o senhor me diz a isso? É um resultado surpreendente! Ainda mais que, uma vez descoberto o fato, não foi só a tal noiva quem se indignou pela maneira com que ele tratara a srta. Drei. mas até parece que o meu artigo despertou lá uns remorsos na alma do rapaz! Com a emoção que a reportagem criou... ele perdeu a cabeça!

LUDOVICO - O tenente?



CANTAVALLE - Sim, senhor... o tenente... como é que êle se chama... o tenente Laspiga... Perdeu a cabeça completamente. Foi o cônsul quem disse!

LUDOVICO - E êle , o cônsul, como sabia?

CANTAVALLE - Mas porque o pai da noiva foi procurá-lo no Ministério do Exterior, elhe contou tudo!

LUDOVICO - É uma trapalhada e tanto!

CANTAVALLE - O sr. meu caro mestre, agora está metido numa estória bem curiosa!

LUDOVICO - Eu?

CANTAVALLE - Sim, e eu também. Estou sendo processado por calúnia .

LUDOVICO - Pelo pai da noiva...também?

CANTAVALLE - O velho está fazendo o diabo! A môça, no começo, ficou indignada, conforme eu disse... mas, logo depois, o sr. sabe... uma mulher que logo na véspera do casamento... Houve lágrimas, ranger de dentes, desespero, etc.... E, visto que o cônsul conhecera o tal Laspiga em Smirna... quando a srta. Drei trabalhava de governanta na casa dele...

LUDOVICO - ... o pai da noiva foi pedir informações ao cônsul!

CANTAVALLE - Isso mesmo.

LUDOVICO - Deve ter dado umas informações maravilhosas... Imagine você que êles acusam essa coitadinha de ter praticamente assassinado a criança!

FRANCO

FRANCO - Pode-se entrar? Oh, desculpem... E Ersília ? onde está ela? Está aqui? O de está?

LUDOVICO - Mas... desculpe... quem é o senhor?

FRANCO - Eu sou Franco Laspiga. O homem por cuja causa...

CANTAVALLE - Ah! O tenente Laspiga! Ei-lo aí!

LUDOVICO - Como foi que o sr. chegou até aqui?

FRANCO - Estive no hospital; ela acabava de sair. Corri até o jornal onde fiquei sabendo.... Desculpe... o sr. é o escritor Ludovico Nota?

CANTAVALLE - Não,não sou eu. É êste senhor.

FRANCO - Ah, é o sr.?

LUDOVICO - Sim, sou eu? Mas, então... o universo inteiro já sabe o meu endereço!

CANTAVALLE - Prezado mestre, o sr. está esquecendo sua celebridade!

LUDOVICO - Por favor!

CANTAVALLE - Seu gesto causou sensação.

FRANCO - Que gesto? Por favor, explique -me o que se passa! Então ela não está aqui?

LUDOVICO - Então o sr. imagina que eu vou me expor em praça pública, e Ersília a meu lado?



CANTAVALLE - Mas não... que é que o sr. diz...

LUDOVICO - Digo que estou farto! A srta. Drei chegou aqui não faz uma hora, e...

FRANCO - Ah, ela está aqui? E onde? Onde?

LUDOVICO - Fui buscá-la na saída do hospital. Ela não sabia para onde ir, então eu lhe ofereci hospitalidade, enquanto isso, eu iria passar alguns dias num hotel.

FRANCO - Sou-lhe muito grato.

LUDOVICO - Grato, por quê? Por que já deixei há muito tempo de ter vinte anos? É por isso que o sr. me agradece? E, a propósito, que é que o sr. vem fazer aqui?

FRANCO - Eu? Reparar, meu senhor, reparar! Penitenciá-los, atirar-me aos pés dela!

CANTAVALLE - Ainda bem! Bravos! Estas são as palavras de um homem de bem!

LUDOVICO - O sr. devia ter pensado nisso antes...acho eu.

FRANCO - Tem razão, tem razão...mas eu não podia imaginar que... quis esquecer, esquecer...deixei passar os dias... Mas onde está ela? Lá dentro! preciso vê-la!

LUDOVICO - Receio que, neste momento...

FRANCO - Não! Deixe que eu lhe fale, pelo amor de Deus!

CANTAVALLE - Seria melhor avisá-la, antes.

LUDOVICO - Ela está deitada.

CANTAVALLE - E pode ser que a alegria de rever...

FRANCO - Ela não sarou, ainda?

LUDOVICO - Sentiu-se mal, ainda há pouco.

CANTAVALLE - E. o sr. compreende, a emoção poderia...

FRANCO - Eu não pensava, não pensava que aquela espécie de sonho...Oh, meu Deus, como acabou!...Minha vida quebrada, de uma vez só, um pedaço... Ah! os gritos dos jornaleiros, na rua... Eu li. E logo tive a impressão de estar sendo agarrado e derrubado no chão... Todas aquelas vozes... minha noiva, seu pai, sua mãe... até os inquilinos do prédio, que me insultavam quando me encontravam na escada... Corri até o hospital... não permitiram que eu a visse... Que grande culpa tenho eu, que mal tremendo cometi! Vejo o mundo cheio das culpas cometidas por mim. Sinto-me arrasado. É preciso que eu repare, é preciso...

CANTAVALLE - Mas, perfeitamente! Ótimo! É a melhor solução. Estou feliz com isso, meu caro mestre, realmente feliz!

HONORINA - Calem a boca, que ela já ouviu tudo!

FRANCO - Ela sabe que eu estou aqui?

HONORINA - Sim, e logo foi tomada por um tremor convulsivo... Ameaça atirar-se pela janela, se o sr. entrar naquele quarto!

FRANCO - Como? Por quê? Ela não quer perdoar?

CANTAVALLE - Mas como? Ela deveria, ao contrário...



HONORINA - Não. Ela é um anjo. Ela não quer.

LUDOVICO - O que é que ela não quer?

HONORINA - Ela diz que o sr. tem que voltar para a sua noiva!

FRANCO - Isto não. Está tudo acabado entre nós.

HONORINA - Ela não quer que uma mocinha sofra por causa dela.

FRANCO - Não estou prejudicando ninguém, minha senhora... porque a - minha noiva, agora, voltou a ser esta... Ersília!

HONORINA - Mas se ela não quer...

FRANCO - Minha senhora, eu vim aqui pedir perdão, reparar todo o mal que cometi!

HONORINA - Fale baixo, fale baixo! Ela pode ouvir!

FRANCO - Vá falar com ela, por favor... trate de convencê-la.

LUDOVICO - Mas, sim, é uma justa reparação.

FRANCO - Diga-lhe que não se preocupe com coisa alguma.. estou aqui para ficar com ela... Minha obrigação, meu dever sagrado, é para com ela! Que ela não me negue a oportunidade de reparar enquanto é tempo! Vá, por favor.

HONORINA - Ela quer se sacrificar por outra.

FRANCO - Mas se eu rompê com a outra, rompê!

HONORINA - Ela não quer. Não quer.

FRANCO - Mas por quê? Não posso voltar atrás. Aqui, dentro de mim, isto já se tornou impossível! Tudo voltou, compreende?

CANTAVALLE - Naturalmente... a evocação do passado...

FRANCO - Uma coisa que parecia tão longe... Tão longe de mim.. Como se eu tivesse sonhado! Era como se aquela noite não tivesse existido... - como se a minha promessa... uma dessas promessas que se fazem em certos momentos... porque é preciso fazê-las...

CANTAVALLE - E depois, tudo passa...

FRANCO - aquela promessa, parece-me que eu não tinha mais motivos para preocupar-me com ela... apesar das cartas que recebia... e que eu rasgava, porque não as levava a sério... é incrível que eu tenha podido - mentir comigo mesmo até esse ponto, fazer o que fiz, uma vez que, para Ersília, minha promessa tinha valor! Sim - para ela, tudo era verdade, verdade, enquanto para mim não passava de uma lembrança! E era ela quem estava com a razão; tudo era, mesmo, verdade; então minha traição tomou corpo, para mim como para ela; e, de repente, tôdas aquelas vozes, aqueles gritos, me prenderam nas garras dessa verdade terrível, que - bruscamente, voltou a ser presente, concreta, e que agora destrói tudo, arrasa tudo!

LUDOVICO - Não. Agora é impossível.

FRANCO - Impossível? Não, não...

LUDOVICO - Ela prometeu falar com o sr. amanhã.

FRANCO - Eu vou enlouquecer esta noite! Não!



ERSÍLIA - Não é só êle! É todo o mundo! Não quero ver ninguém!

HONORINA - Está certo: ninguém! Eu mesma falarei com o sr. Nota, fique sossegada!

ERSÍLIA - Que culpa tenho eu de não ter morrido?

HONORINA - Culpa, você? Mas de que culpa está falando?

ERSÍLIA - Eles me acusam! Me acusam!

HONORINA - Mas não! Quem acusa você?

ERSÍLIA - Todos, todos! Não ouviu, ainda há pouco?

HONORINA - Mas não! Se êle veio pedir perdão!

ERSÍLIA - Perdão de quê? Eu só falei dêle, porque pensei que ia morree! Agora chega, chega!

HONORINA - Está certo, chega! Você vai explicar isso ao sr. Nota...

ERSÍLIA - Queria ficar aqui, em paz...

HONORINA - E por que não pode ficar, agora?

ERSÍLIA - Porque, a sr^a. vai ver... vão aborrecê-lo, exasperá-lo... Êle se cansará!

HONORINA - Quem, o sr. Nota?

ERSÍLIA - J'á disse que está farto!

HONORINA - Não acredito. É meio aéreo, mas é bom, você vai ver como êle é bom, o sr. Nota!

ERSÍLIA - E ainda há outro... o outro...

HONORINA - Quem?

ERSÍLIA - O outro, que eu nem queria lembrar! Já está processando o jornal!

HONORINA - O cônsul?

ERSÍLIA - Pois é! Não vai me deixar em paz! Ah, Mau Deus! meu Deus! meu Deus! Me deixe ir! Me deixe fugir!

HONORINA - Mas não... Acalme-se... O sr. Nota vai dar um jeito de segurar êsse camarada! Afinal, que é que êle pode fazer, depois, da maneira com que a tratou? Calma, por favor, calma... Está vendo que não se agüenta em pé?

ERSÍLIA - É verdade... é verdade... Que é que vou fazer?

HONORINA - Volte para a cama.. Vou ver um café para você. Depois dormirá um pouco.

ERSÍLIA - Mas... a sra. compreende... eu estou do jeito que a sra. viu e então...

HONORINA - E então?

ERSÍLIA - Não tenho nada... nada... tinha uma maleta, no hotel, mas não sei que fim levou...

HONORINA - Amanhã mandaremos buscá-la. Não se preocupe. Se fôr preciso, irei eu mesma.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ERSILIA - Sim, mas agora... estou nua.

HONORINA - Eu cuidarei de tudo, de tudo! Agora vá descansar, e deixe o resto comigo... Vá, vá; eu voltarei num instante...

ERSILIA - A rua...

FIM DO I ATO



VESTIR OS NUS

ATO II



LUDOVICO - E dona Honorina?

EMMA - Está lá dentro com a môça.

LUDOVICO - Sabes de ela passou bem a noite?

EMMA - Mal, muito mal. Sofreu muito. Não pegou no sono ~~em~~ nem por um instante. É a Da. Honorina também.

FRANCO - Se eu ~~xt~~tivesse conseguido falar com ela, ontem...

LUDOVICO - Entre no quarto deegar, e diga à sua patroa que eu estou aqui.

EMMA - Está bem.

LUDOVICO - Chegou alguma carta?

EMMA - Chegou, ~~em~~ senhor; Está aí na mesa.

LUDOVICO - Fique à contade, sente-se...

FRANCO - Obrigação. Mas não consigo ficar quieto.

LUDOVICO - Ah, meu Deus! Vamos abrir!

LUDOVICO - Olhe aqui. Veja só isso.

FRANCO - Um desmentido?

LUDOVICO - Pois é. Dizem que vão publicá-lo amanhã.

FRANCO - Ah, finalmente...

HONORINA - Que noite! Que noite!

FRANCO - Que é que há? Ela não vem?

HONORINA - Se puder vir. Já sabe que o senhor está aqui; logo o imaginou; mas não a assuste, por favor! Agora de manhã, ela conseguiu dormir um pouco...

LUDOVICO - ... e êsse barulho da rua...

HONORINA - Não, não foi êsso... mas é que a empregada entrou a dizer que o senhor estava aqui, acompanhado de outra pessoa. Então ela acordou. Tive receio de que ela se opusesse, como ontem...

FRANCO - Não, não!

HONORINA - Pois é. Disse que quer falar com o senhor.

FRANCO - Ah, muito bem! Quer dizer que se convenceu!

LUDOVICO - Sim, sim! E, em caso contrário, nós a convenceremos!

HONORINA - Tenho minhas dúvidas. Ontem à noite, quando os senhores saíram, els quis fugir.

LUDOVICO - Fugir?

FRANCO - Para onde? Fugir, por que?

HONORINA - Quem sabe? Fugir. - Tive um trabalhão para segurá-la. Mas eu não sei, não sei, não sei mesmo, como a deixaram sair do hospital: ainda está doente!q

LUDOVICO - Bem, para dizer a verdade, enquanto estêve comigo.

HONORINA - Não! Ela fêz o diabo para se ~~xxx~~ agüentar, para não mostrar que estava sofrendo. Ela tem muito medo de aborrecer o senhor.

LUDOVICO - Que é que eu tenho com isso? Agora é êle...

FRANCO - Sim, sim... eu vou tratar dela... eu saberei curá-la!

HONORINA - Eu vou descansar um pouco. Não agüento mais em pé. Mas, se houver necessidade...

LUDOVICO - Vá, vá descansar.

HONORINA - ... chamem, a qualquer momento!

- Olhe que a coitadinha não tem roupa não tem nada... A mala ficou presa, não sei se ho hotel, ou na polícia. Precisamos mandar alguém buscá-la.

LUDOVICO - Está bem.

HONORINA - Hoje, ouviu? Hoje mesmo! Ela está...

- Meu Deus, a aparência também conta. O sr. vai tratar disso?

FRANCO - Eu mesmo cuidarei de tudo.

HONORINA - Acho melhor que o senhor Nota se encarregue de ...

LUDOVICO - Está bem, está bem! Vamos ver o que ela resolve, então.

HONORINA - Pelo amor de Deus, seja bonsinho com ela.

LUDOVICO - Essa é formidável! Agora a sra. é que me pelde - a mim! Ao passo que ontem...

HONORINA - Mas, ontem, eu não sabia! Meu Deus, eu tenho a impressão de... olhe: é como quando, na rua, a gente vê, no meio de um bolo de vira-latas... forte, grossos, sujos... aparecer um cachorinho manso... mais, êle é manso, e mais êles o morde, pulam em cima, arranham... Ela está tão abatida, tão humilhada, pobresinha!

LUDOVICO - Bem, mas compreenda que, para mim também y de ontem para hoje, ela mudou.

HONORINA - Quem "ela"?

LUDOVICO - A situação! Tôda a estória! Pensava que estivesse acabada, encerrada... E agora, veja sôz, ... primeiro, o jornalista... depois, ês e senhor... e, ainda por cima, o tal consul, que protesta, ameaça.. Viu o jornal?

FRANCO - Mas... o Cônsul Grotti está aqui, em Roma?

LUDOVICO - Está, está! Estão todos aqui! E, ao que parece, o pai de sua noiva, meu caro, foi visitar esse cônsul! ...

FRANCO - O pai de minha noiva? Para fazer o quê?

LUDOVICO - Sei lá... para obter umas informações...



FRANCO - Mas, que é que eles querem, ainda? Depois de ter ~~xbatido~~ a porta na minha cara! Mas, então até o cônsul Grotti agora está contra ela.

LUDOVICO - É o que parece. Aliás, não há dúvida. Bem, eu vivo aqui, fora do mundo, escrevendo, e ...

FRANCO - Eu gostaria de saber com que motivo êsse sr. Grotti...

LUDOVICO - Pode ~~xnr~~ estar certo de que, algum motivo, êle tem! Quanto a mim, digo apenas isto: interessei-me pelo caso humano... fatos, pessoas... na base de uma imagem que criei dentro de mim. Mas, agora, toda essa seqüência de imprevistos, de complicações... bem, confesso... es~~t~~ragou! É isso, estragou tudo! ... Felizmente, agora, o sr. está aí...

FRANCO - Sim, sim, estou aqui - e cuidarei de tudo.

HONORINA - Bem, eu vou indo. Vejam bem o que fazem!

FRANCO - Vou levá-la comigo... para ~~gem~~ longe daqui. Tenho algumas possibilidades devido às minhas relações. Longe, longe...

LUDOVICO - Mas não se esquite demais, não perca a calma... senão... está vendo o que aconteceu comigo?

FRANCO - E o que aconteceu com Ersília, então?!

LUDOVICO - Pois é: outra prova; a maior de todas: a vítima!

FRANCO - Mas porquê? Porque eu - eu - justamente por êsse princípio de não "esquitar", de "mante r a calma" ... abandonei a coitadinha, deixando-a chegar a esse ponto! Eu a traí, e no mesmo instante, traí a mim mesmo: abandonei o mar... o mar... para cair no pantanal da vida comum!

LUDOVICO - Sim, sim, mas todos nós, a uma certa altura...

FRANCO - Não, não! Quando deixamos que o mundo nos conveça de que é impossível... aí estamos perdidos. E era fácil mesmo... era alguma coisa que a gente podia tocar com ~~xmxmx~~ a mão.

LUDOVICO - pois, é: em certos momentos, a consciência liberta-se de todas as misérias da vida...

FRANCO - Perfeitamente!

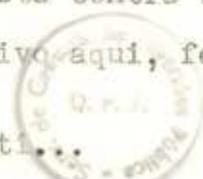
LUDOVICO - ... pula por cima dos obstáculos da existência diária... Não se dá conta das mil pequenas necessidades... joga fora as preocupações mesquinhas, as mesquinhas obrigações...

FRANCO - Perfeitamente! É assim, livre, solta, a nossa alma começa a respirar numa atmosfera inflamada, vibrante... onde, como já disse, as coisas mais complicadas, tornam-se facilímas!

LUDOVICO - Tudo parece fluido, ágil... como numa divina embriaguez. Mas é apenas um ~~x~~momento, meu amigo: e logo passa!

FRANCO - ... porque a nossa consciência não resiste... não tem força bastante... Só por isso!

LUDOVICO - Não, não. Porque a gente não vê, naqueles momentos... que brincadeiras sinistras, que peças, vai nos pregando a nossa querida alma... respirando na atmosfera inflamada de entusiasmo sem reflexão.. na bela cegueira de sonho! A gente não percebe, e um belo dia, pimba! Se encontra sentado no chão!



FRANCO - Sim, é verdade... Mas o importante é não ceder... não largar.. resistir ao impulso que nos quer atirar no chão! Por isso eu digo que quero viajar outra vez, para bem longe... para os lugares onde ela me esperou, confiante, serena... na transparência luminosa de seus sonhos... numa felicidade que a mim (por um desvio, por uma depravação do espírito) parecia loucura! Eu me dava por satisfeito; eu me achava formidável, por ter sabido vencer "aquelas bobagens" e recobrar o juízo! Agora, porém, sei. Sei que voltei a sentir com aquela pureza, com aquele entusiasmo. E devo isso a ela: a Ersília.

LUDOVICO - Não se exalte. Vai ver como ela caiu.

FRANCO - Eu a farei levantar! ~~XXX~~ Eu!
- Aí vem ela!
- Meu Deus...



ERSILIA - ~~XXXXXXXX~~ Desisto, desisto, sr. Nota! Não era isso que eu queria Sua ~~XXX~~ proposta... não, não é possível! Desisto de tudo, de tudo! ...

LUDOVICO - Que está dizendo? Olhe quem está aqui!

FRANCO - Ersília, Ersília !

ERSILIA - A quem o sr. está chamando? Não está vendo "quem" sou eu? Como estou?

FRANCO - Sim, estou vendo que você ficou nesse estado... mas é a minha Ersília! A minha Ersília! Voltará a ser a minha Ersília!

ERSILIA - Não me toque, senhor! Não me toque! Me deixe em paz!

FRANCO - Mas como? Agora me chama de "senhor"? Você, que vai ser minha, minha, como já foi minha?

ERSILIA - Não, êste é um suplício realmente insuportável! Como devo dizer, meu Deus, como devo fazer para que me entendam, para mim, tudo está acabado?

FRANCO - Mas não se acabou! Você bem pode ver que não acabou, uma vez que eu estou aqui, outra vez, ao seu lado!

ERSILIA - O que o sr. já foi, ... para mim... agora não pode ser mais.

FRANCO - Posso! Sou! Sou o mesmo, sempre o mesmo!

ERSILIA - Não. E há mais um motivo. Preciso dizê-lo. Eu, aqui... eu... (e, meu Deus, isto não deveria ser difícil de se ver) ... eu não posso, nunca mais, ser a mesma!

FRANCO - Mas não é verdade! Você quis morrer por minha causa! Você mesma o declarou! Então?

ERSILIA - E então... e então não é verdade.

FRANCO - Como, não é verdade?

ERSILIA - Não é verdade. Não foi por sua causa. Se nem tentei procurá-lo... Em suma, menti.

FRANCO - Você mentiu?

ERSILIA - Disse um motivo qualquer... o último, que naquele momento era verdadeiro... e que agora não é mais...

FRANCO - Por que nãoé mais?

ERSILIA - Porque, agora, eu... infelizmente... estou viva, estou ^{ainda} viva.

FRANCO - Infeizmente? Mas foi sorte!

ERSILIA - Muito obrigada! Não! Que bela sorte! Vocês queriam me condenar a ser, para sempre a mesma mulher que eu fiz questão de matar? Não, não, aquela mulher, eu não a quero mais! Ela que fique com a sua culpa, com sua explicação: a que ela deu, naquela hora... e que agora não vale mais nada, nem para você, nem para mim! Basta!?

LUDOVICO - Mas... com licença...por que não vaê mais?

FRANCO - Se foi a razão pela qual você até quis morrer...

E SILIA - Pois é! Morrer! Acabar! - Mas não morri. Então não vale mais.

FRANCO - Como se eu não pudesse remediar! Mas, graças a Deus, posso!

ERSILIA - Não, não.

FRANCO - Como não? Aquela que era, para você, uma razão de morrer... deve ser, ainda mais, uma razão de viver!

LUDOVICO - É justo!

FRANCO - Escou aqui para isso.

ERSILIA - Estou custando a reconhecer a tua cara!

FRANCO - Você?

ERSILIA - Não me façam enlouquecer!
- Você, também, diga a verdade: não está custando a reconhecer-me?

FRANCO - Não... não... por que diz isso?

ERSILIA - A tal ponto, veja! A tal ponto que, se tivesse visto você "antes"... não poderia ter dito, sem sã consciência...

FRANCO - O quê?

ERSILIA - Que me matava por sua causa! Não é verdade. Mas, nem a voz.. meu Deus! ... nem mesmo os olhos! ... Você falava comigo... com esta voz? Você me olhava com estes olhos? Eu via você como... ah! Sei lá como eu tre via!

FRANCO- Você me afasta, Ersília. Você me faz duvidar de você é de mim.

ERSILIA - É porque você não pode entender essa coisa terrível: que a vida que volta como se fosse... que sei eu... uma lembrança! Mas uma lembrança que não surge de dentro da gente... uma lembrança que vem de fora, inesperada, indesejada! Tão diferente que a gente nem reconhece. A gente não encontra dentro de si um lugar adequado para abrigar essa lembrança, porque a gente também mudou, e não ode voltar a sentir a lembrança como "vida" ... A gente sabe, sim, queaquilo foi vida... nossa vida... Sim, é possível que nós tenhamos sido "assim" mas não para nós mesmos... Era o jeito com que falávamos e caminhávamos dentro da lembrança do outro... sem sermos realmente nós mesmos!

FRANCO - Mas sou eu, Ersília! Eu, que volto a ser o mesmo, que quero ~~me~~ ser, novamente, "aquê", para você!?



ERSILIA - Você não pode. Meu Deus, será que você não entende? Agora, vindo você aqui, eu compreendo que você nunca foi aquele!"

FRANCO - Nunca?

ERSILIA - De que se admira? Eu percebi, ainda há pouco, que também, quando eu comecei a falar, teve a mesma impressão.

FRANCO - É verdade... mas é porque você diz cada coisa!

ERSILIA - Eu digo coisas verdadeiras. Por que não aproveita essa oportunidade? Todos podem aproveitá-la, menos eu. Olhe: para você... não é culpa.

FRANCO - oh, meu Deus, mas o que é que não é culpa?

ERSILIA - O que você me fez.

FRANCO - Mas como, não é culpa, se por essa culpa estou aqui?

ERSILIA - Na vida, oh, na vida... isso se faz... pode fazer.

FRANCO - Sim, mas depois nasce o remorso! O que eu tenho aqui dentro, é que é um remorso verdadeiro, ouviu? Não é apenas um dever, uma obrigação, compreende?

ERSILIA - Sim, mas se você, de repente, descobre que eu não sou aquela que você imaginava...

FRANCO - Ah, meu Deus, mas o que é que você diz!

ERSILIA - O sr. também, sr. Nota... Outra mulher! Outra! ... Ao sr., porém, posso jurar, que ia fazer o possível, todo o possível, para ser aquela que o sr. imaginava! Com o sr. eu podia, podia; porque se tratava de viver na ficção de sua arte! Mas, não senhor! Nada disso! A vida, vejam só a danada da vida que eu tinha arrancado de mim, não me quer largar; agarrou-me com os dentes e está apertando outra vez. É-los todos de novo, todos, em cima de mim! - Para onde deverei fugir, meu Deus?

LUDOVICO - Eu não disse? O espírito da srta. Drel precisa se recompor aos poucos, dia a dia...

ERSILIA - O sr. também, agora, que atormentar-me?

LUDOVICO - Eu, não. Ao contrário!

ERSILIA - O sr. sabe que não é possível!

LUDOVICO - Mas por que, afinal de contas?

ERSILIA - Para o senhor... que, aliás, o intuíu tão bem... pode não ser nada; aliás, foi um prazer, intuí-lo... Mas lembre-se de que "aquilo" que o sr. me imaginou, acerca de uma personagem criada por sua fantasia... eu o sofri em minha carne, que sentiu toda a vergonha, o nojo, a humilhação.

LUDOVICO - Ah, se refere a isso?

ERSILIA - Diga a êle, por favor, conte para êle o que eu fiz! Assim, êle irá embora!

LUDOVICO - Mas nem por sombra! Ninguém pode condená-la por isso!

ERSILIA - Então, eu mesma vou contar! Saiba que me entreguei na rua, ao primeiro que passou!





LUDOVICO - Porque estava desesperada! À beira da morte! Entendeu?

FRANCO - Sim, sim, ... oh, querida!

LUDOVICO - E, na manhã seguinte, ela se envenenou, num jardim público, porque não tinha, na bolsa, sequer a diária do hotel! Entendeu bem?

FRANCO - Claro que sim! E isto aumenta o meu remorso, a necessidade que sinto de pagar todo o mal que lhe fiz!

ERSILIA - Não, você não!

FRANCO - E quem mais?

ERSILIA - Mas querem mesmo, que eu conte tudo? Tudo? Até mesmo as coisas que ninguém confessa, nem a si próprio?

- Examinei friamente o nojo que experimentara; para ver se poderia resistir. Passei pó de arroz no rosto, antes de sair do hotel, levando na bolsa o veneno, dentro de um tubo de vidro. Tinha três daqueles tubos, na mala. Vocês sabem: governanta! Coisas que podem servir para desinfetar. - Enquanto me cava o rosto, eu meolhei (exatamente como o sr. nota imaginou) no espelhinho do hotel, pendurado ali em cima da cômoda. Mas não foi apenas "antes", foi depois daquela primeira experiência - quando sai para morrer. Para morrer, sim; mas, naquele banco de jardim, até um segundo antes, eu não sabia, eu não queria saber, eu não ia tomar o veneno. Poderia muito bem, igualmente, ~~iguais~~, repetir a outra experiência; se o acaso assim dispusesse; se tivesse passado alguém que gostasse de mim, ou que eu achasse agradável. Nesses casos, não se se me teria envenenado. - O pó de arroz estava lá; e um toque de baton nos lábios; e eu havia vestido, de propósito, este vestidinho azul. - Mas, se agora estou aqui, que é que isso significa, por favor? que consegui vencer aquele nojo, depois de compará-lo com a morte! Não estaria aqui, na casa de um homem que não conheço, e que me escreveu, oferecendo,::: digamos... proteção!

FRANCO - Eu sei, Ersília, eu sei, porque é que você fala assim... por que é que você tem essa volúpia de se machucar.

ERSILIA - Eu? Vocês, vocês...

FRANCO - Está vendo? Bem que o diz! Você tem a impressão de que os outros a machucam, lhe fazem mal! Mas por que, então, não deixa que um, ao menos um, desses outros, cuja consciência voltou a si, acabe com essa crueldade?

ERSILIA - E de que jeito? Machucando-me ainda mais?

FRANCO - Não é isso...

ERSILIA - Eu estou dizendo que fingi... estou dizendo que não é verdade... estou dizendo que menti... Digo e repito! Não foram os outros! Não foi você! - A vida, foi! Esta vida que ainda continua. Sem que eu tenha podido, uma vez, fazê-la parar, tomar um jeito, uma forma! - que mais quer que lhe conte, para fazê-lo desistir?

LUDOVICO - Quem é? Entre!

LUDOVICO - Que é que você quer?

EMMA - O cônsul Grotti está aí.

ERSILIA - Chegou! Eu sabia!

LUDOVICO - Quer falar comigo?

FRANCO - Eu também estou aqui!

EMMA - Não, ele quer falar com a senhorita.



ERSILIA - Sim, sim... deixem que eu fale, deixem que eu fale com ele por favor! Mande entrar. É melhor que eu lhe fale. O quanto antes, melhor.

ERSILIA - Entre, por favor, senhor consul. O sr. Cônsul Grotti... o sr. Ludovico Nota...

GROTTI - Conheço de fama.

ERSILIA - ::: que teve a bondade de me hospedar aqui. O sr. Lasniga... já se conhecem.

FRANCO - Conhecemo-nos numa situação bem diversa! Mas agora estou aqui para...

ERSILIA - Pelo amor de Deus, não fale!

FRANCO - Não, Ersília!
- Olhe! Olhe aqui a moça de quem eu lhe pe di a mão.

ERSILIA - Peço-lhe que não diga mais nada!

FRANCO - Está bem; não digamos nada. Bastará essa indignação... e o estado em que a coitadinha se encontra... para que o sr. compreenda os motivos pelos quais estou aqui!

ERSILIA - Deixe estar a coitadinha, o meu estado e o resto! Já lhe disse que não tem nenhuma razão de ficar aqui, e faz questão de repetir isso na frente do cônsul, para que ele veja que o único motivo de minha indignação é a teimosia do senhor... sua obstinação em não querer compreender!

FRANCO - Ah, você quer repetir isso, só porque sabe que o pai de minha noiva foi visitar o cônsul!

ERSILIA - Não, isto eu não sabia. E... e o sr. ... falou-lhe... a meu respeito?

GROTTI Não, senhorita. Prometi que viria, antes, falar com a senhorita.

FRANCO - É inútil, ouviu? Inútil! ...

ERSILIA - Deixem-me falar a sós com o senhor cônsul!
- Por favor, senhor Nota...

LUDOVICO - Oh, por mim...

FRANCO - Não, não! Espere! Eu vou-me embora.
- Mas quero dizer antes, ao sr. consul, para que o renúncia a quem quiser ouvir, que é inútil; inútil, porque esta decisão não deve ser tomada por ela, mas por mim!
- Isto eu sustento, formalmente, diante de você! Até agora, pedi, implorei, resignei-me a ouvir, de você, sofrendo atrocemente, as piores coisas. Agora, chega. Agora eu também falo em outro tom. Você tem o direito de repelir-me, mas isto não significa que eu deva voltar para junto de quem (depois de provar, justamente, lendo o jornal, vergonha e indignação, até fechar-me a porta) ... agora se arrepende e manda mensageiros!

GROTTI - Mas não! não é por isso que eu estou aqui!

ERSILIA - E eu já lhe disse que não foi o seu comportamento, o que me levou a tentar o suicídio!

FRANCO - É mentira!



ERSILIA - Mas, como? O sr. Nota é testemunha...

FRANCO - ... de que você o afirmou! Sim!

- Contou-me as coisas mais terríveis, "as que ninguém confessa nem a si próprio" ... Mas eu tenho a minha consciência. Pode ser que a tua, pelo que fi este, te imponha de recusar minha mãe. Mas a minha, apesar de qualquer coisa que o sr. cônsul possa te dizer, ou que vocês combinem juntos, no interesse de outros... a minha consciência não muda! É o que tinha a dizer. Vamos embora. Sei que o senhormo compreende e me aprova. Até logo, sr. cônsul.

GROTTI - Até logo.

LUDOVICO - Vou ver se localizo sua mala. Espero trazê-la de volta dentro de pouco tempo.

ERSILIA - Obrigada . E ... desculpe, sr. Nota.

LUDOVICO - De nada.
- Até logo, sr. cônsul.

GROTTI - Até logo, muito prazer.



.....

GROTTI - Estúpida;estúpida! Estúpida! Mentir tão ridículamente!

ERSILIA - Mas eu quis morrer de verdade!

GROTTI - Para quê? Para mentir depois? Para ter mais êsse remorso?

ERSILIA - Não! Não por mim! Você não ouviu? Ele diz que não é por minha causa! Eu lhe gritei a verdade na cara. Juro que disse que menti, menti. Mentí, ao declarar que mesuidada va por êle!

GROTTI - Mas se êle não acredita; não es á vendo que ~~êle~~ êle não acredita?

ERSILIA - Que cul a tenho eu? Nao quer acreditar, porque êle também tem remorsos!

GROTTI - E você tem coragem de falar dos remorsos dos outros?

ERSILIA - Então você acha que eu, só eu, devo ter remorso, mais do que os outros? Eu, menos que todos! Isso mesmo! Menos que todos, ouviu?
- "u sei, eu sei: você não admite isso ::. porque eu tive a coragem de tentar o suicídio, e você não!

~~ERSILIA - Eu, suicidar-me, por quê?~~

GROTTI - Eu, suicidar-me, por quê?

ERSILIA - Fique tranqüilo: não foram os remorsos ... nem mesmo no meu caso! Você pode suportá-los, os seus remorsos. Você tem do que viver. Eu me encontrei sôzinha, no meio da rua, eu: nua! Nua! ...E, então, sabe? A coisa é mais difícil! É quase impossível! N' desespero, o remorso mais forte voltou: o da criança... e depois que já havia experimentado a última humilhação... Por isso tive coragem!

GROTTI - Mas não pôde deixar de mentir, mesmo no desespero!

ERSILIA - Foi quase sem querer... E, afinal de contas, é bem verdade que êle me prometera êsse casamento.

GROTTI - Por brincadeira!

ERSILIA - Devia morrer calada? não é? Uma pedra em cima, e boa noite!

GROTTI - Uma pedra, sim. - E você a jogou; com grande barulho, como num riacho, e a água e a lama, juntas, espirraram, manchando tudo ao redor. Agora todos estamos sujos...

ERSILIA - ... e a lama deixou de correr!

GROTTI - Você formou um pântano à sua volta!

ERSILIA - E vocês querem que eu me afogue em mim, sózinha? Assim vocês poderão recomeçar a deslizar na vida de todos os dias... ele, depois de descobrir minha indignidade, voltará à noiva... e você calmamente aos negócios do Consulado!

GROTTI - Aos negócios? À minha vida! A toda a minha vida, que você, desgraçada, atrapalhou num instante, criando a maior confusão! Que é que você pensa? Que eu, todo eu, não sou nada mais do que aquele pouco de sexo que gastei com você? E que ia me custar tanto! A infelicidade da minha vida; e a morte da minha filha!

ERSILIA - Culpa sua! Culpa sua! Eu tenho sempre diante dos olhos... sempre... aquela cadeira, que você não me deu tempo de tirar do terraço, para onde eu subira com a criança.

GROTTI - E por que tinha subido ao terraço? Seu lugar era ali, na sala ao lado do quarto onde minha mulher, doente, descansava... Você devia ficar lá, pronta a correr ao primeiro chamado, que foi fazer você no terraço?

ERSILIA - Eu trabalhava, e a menina brincava.

GROTTI - Não! Você subiu de propósito, para que eu fôsse ter com você!

ERSILIA - Covarde! Você teria ido me procurar, mesmo na sala, mesmo a dois passos de sua mulher!

GROTTI - Não, não...

ERSILIA - Não negue! Como se você não tivesse feito isso mil vezes! Então, como se não estivesse protegida num mesmo lá...

ERSILIA - Foi porque você queria!

ERSILIA - Não! Mas porque sabia que ia acabar "querendo"... com todas as suas tentações infames, com toda a tua insistência... Isto sim! Foi porque estava exasperada, e não queria que tua mulher ouvisse... Estou certa, agora, estou certa de que uma voz falava dentro de mim, chamando de a minha atenção sobre aquela cadeira, para que eu não a deixasse lá em cima, porque a menina, que ia mexendo nos seus brinquedinhos, lá no terraço, podia subir em cima da cadeira e precipitar-se no balaustrado! - Mas eu não pude dar ouvidos aquela voz porque você - lembra-se? - como um louco, como um bruto, pela portinha do terraço, insistia... E agora sonho sempre com ela... vejo-a sempre lá... aquela cadeirinha... e o sonho se transforma em pesadelo, nunca chego a tempo de tirá-la...

GROTTI - Eu trabalhava... eu era... como afastado de mim mesmo, sempre... dedicado exclusivamente aos outros... só pensava no trabalho! Para preencher o vazio que percebia na minha vida, a falta da casa com quem sonhara e quem não pude ter, a presença da mulher com quem me casara triste, adoentada, irritadíssima... Então você chegou. Como tratei você, no começo, como?

ERSILIA - Muito bem.

GROTTI - E por que? Porque, mais me sentia angustiado por tãda a tristeza da minha vida, mais precisava fazer bem aos outros... ficar com a tãda a carga sôzinho... para que os outros respirassem, na vida dêles aliviados! ... Por essa necessidade de torná-la bela aos outros, a vida, ao menos, ... porque assim, assistindo, eu também teria tido um sorriso - eu que não podia! E como descrevi você aos olhos d'êle, quando chegou com seus companheiros de tripulação? Que foi que eu não disse, de bom, a respeito de você, para que êle se apaixonasse? Naquele momento, fui mais atencioso do que nunca para com minha mulher; para que ela também ficasse satisfeita, disposta a proteger o namôro de vocês... a favorecer o bom resultado do meu plano, enfiado exclusivamente pelo prazer de poder ser o autor da sua felicidade! E quando vi vocês dois, tão apaixonados, então... não, não - não foi por ter pecebido que vocês tinham ido muito longe, que você havia se entregado a êle (não: isso escandalizou apenas minha esposa, fez com que ela perdesse qualquer estima por você) ...

ERSILIA - Mas eu, antes, não havia cedido a ninguém, nunca! Foi uma vertigem, lá, uma vertigem... na última noite, antes que êle embarcasse...

GROTTI - Eu sei, compreendi. Nem pensei, por um instante em fazer mau juízo de você. E nunca me teria aproveitado da situação, se você...

ERSILIA - Eu?

GROTTI - ... não de propósito! Mas... que sei eu... o jeito com que você me olhou, certa noite, ao levantarmos da mesa... Porque você não acreditou! Senti que você não acreditava que eu pudesse ter sido tão bom com você, apenas no seu interesse... Para sua felicidade... Sim, é isso... e, por desconfiar, por não acreditar nisso, você estragou tudo... porque eu não precisava, mais do que nunca, que você acreditasse nas minhas boas intenções, para me poder controlar, para vencer os maus pensamentos...

ERSILIA - ...Meus, não! Meus não!

GROTTI - ... Meus mesmo! Mas, se você tivesse acreditado no meu desprendimento, na minha bondade, que era autêntica, juro ... então o bruto não/teria surgido, dentro de mim, com tãda a força de sua fome desesperada. E mesmo agora, revendo você, mesmo agora, depois de que você semeou a morte a discórdia irregiável... Mã Ah, não, ouviu? Não e não!

ERSILIA - Que é que você quer?

GROTTI - Quero que você chore, que chore comigo, o mal que nós fizemos!

ERSILIA - Mais de que já chorei?

GROTTI - Não quero ficar só, sentindo o desespero da morte de minha manina, enquanto você volta a viver com outro, como se essa coisa horrível / não tivesse acontecido.

ERSILIA - Não, não! Isso nunca! Pode estar certo! Nunca! Eu ficarei aqui / com o homem que teve pena de mim...

GROTTI - Você não poderá! Porque êste aqui está de acôrdo com o outro! / Você não viu? Sairam junto. - A esta hora êle deve estar farto de você / e acha tãto acreditar que seria loucura se você não aceitasse o arrepen / dimento do noivo e a reparação que êle oferece!

ERSILIA - Mais eu já disse que não quero!

GROTTI - Sim, com uma teimosia tua, insuperável, que nenhum dos dois po / de aceitar! A verdadeira razão, pela qual você não quer você não a disse!

ERSILIA - Está bem! Se fôr necessário, eu a direi!



GROTTI - E então eles acharão tão feio o que você fez... a mentira que / contou... a consequência que teve... o casamento desmachado, o escândalo a piedade roubada a compaixão geral...

ERSILIA - É verdade... é verdade... Mas não era isso que eu queria... eu / dásse a ele... a ele mesmo... que menti, porque pensava estar no fim. - Não são coisas que se podem contar! Feias, demais: nojentas - Nós dois, / sim podemos relembrá-las, porque são a vergonha de ambos. - Como pode vo- / cê desejar que isso seja revelado, como e porque?

GROTTI - Eu fiquei revoltado com a sua mentira, e quando soube pelo pai / daquela moça tudo o que a mentira provocou... a indignação de sua noiva o remorso de um homem, a intenção de reabilitar-se, tudo... não sei como pu / de controlar-me, diante daquele velho... corri até o jornal, desmentindo / apenas o que me dizia a respeito! E você não imagina o furor que se acen- / deu no espírito de minha mulher: lendo jornal... queria correr até a casa / da moça, para revelar tudo, para contar como você fôra enxotada de casa, / como nós havíamos sido surpreendidos por ela! Tive de prometer, assegura- / rar, que o teu engano teria sido desmascarado de qualquer maneira, e que / ao menos - aquela família, a paz seria devolvida. - Compreende agora?

ERSILIA - Compreendo. - Está bem. Vá se embora. Eu cumprirei a palavra.

GROTTI - Que pretende fazer?

ERSILIA - Você diz que é preciso. Então, eu o farei.

GROTTI - Você está mais desesperada do que eu... meu Deus, como você es- / tá abatida... Ersilia... Ersilia...

ERSILIA - Ah, não! Isso não, por Deus!

GROTTI - Não, não... Ouça, ouça...

ERSILIA - Deixe-me já disse!

GROTTI - Quero unir para sempre teu desespero ao meu!

ERSILIA - A menina! A menina!

GROTTI - Assassina!... Mas eu estou perdendo a cabeça... Preciso de você / ... nós somos dois infelizes

ERSILIA - Vá-se embora! Eu grito!

GROTTI - Não... não... escute...

ERSILIA - Abro o grito! Pronto!

ERSILIA - Saia daqui!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

FIM DO II ATO





ATO III



HONORINA - Pois é... pois é... depois eu conto... Até o meio dia, sim... mas, sabe como é, o sono da noite é outra coisa... Como? Não ouvi direito... Ah, sim! Saiu há pouco, com o sr. Nota. Foram buscar a mala. A ele não a quiseram entregar.

EMMA - Vai ver que a ela também não.

HONORINA - Bem, antes não foi possível...

EMMA - Só espero que isto aqui não continue assim todos os dias!

HONORINA - Mas o que é que você está resmungando?

EMMA - Digo que êsse negócio de arrumar os quartos a esta hora... Já é noite!

HONORINA - O sr. Nota é assim... Que é que você quer? Parece que quer mesmo ficar com ela... Não, não, ela não quer saber mais do outro... Mas não pode ser que ele tenha tentado abraçá-la... Não! Não! Isto não é possível! A srta. viu mal! Isto não! Sim, sim, até logo. Essa, agora! Imagine que ela diz que viu três homens e que todos os tres abraçaram a moça!

EMMA - O tal cônsul também?

HONORINA - Pois é... Mas não é possível; ela se enganou.

EMMA - Ora bem... eu ouvi os dois grãtaram muito, quando ficaram trancados aqui dentro.

HONORINA - E não consegui ouvir... perceber?

EMMA - Não costumo escutar às portas! Passando pela saleta, ouvi a gritaria deles, só isso. Mas quem gritava era mesmo o homem.

HONORINA - Eu gostaria de saber que é que êle quer ainda dessa cotada... e porque veio a atormentá-la aqui, depois de ter ido falar contra ela no jornal!

EMMA - Vai ver que êle não quer que ela faça as pazer com o noivo...

HONORINA - E com que direito pode exigir isso? O pior -e que ela, ela mesma não quer fazer as pazer. E, na minha opinião, ela faz mal!

EMMA - Pois é, prefere ficar aqui com êsse velho maluco...

HONORINA - ... que já cansou! já ~~morreu~~ cansou! E acho, também, que deu a entender isso claramente... a ela mesma.

EMMA - Neste caso, fêz bem. Assim, ela se convence a ficar com o outro

HONORINA - Você sabe o que é? É que ela não confia mais no rapaz. Entora eu acho que êle está mesmo arrependido.

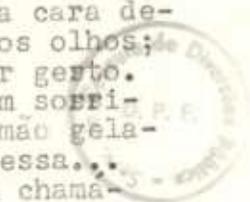
EMMA - Eu também acho.

HONORINA - E depois, ela está com escrúpulos, por causa da outra... que agora ficaria abandonada, como ela ficou antes.

EMMA - Eu não teria escrúpulo nenhum! Ela quase morreu por causa disso!

HONORINA - Pois é... ela sabe o que querdizer ficar abandonada... Aliás,

HONORINA - Pois é... ela sabe o que quer dizer ficar abandonada... Aliás, isto estava muito bem explicado no jornal. Agora ela ficou com ódio do rapaz, e compreendeu que o sr. Nota... Bem que eu vi a cara dela quando saiu o Sr. Nota... Tinha, que sei eu, um léu sobre os olhos; olhava e não enxergava; podia falar (não podia...) nem fazer gesto. Perguntei: como esta se sentindo? - e ela me respondeu com um sorriso tão triste, que eu senti um arrepio na espinha. E tinha a mão gelada, gelada... Sim, sim, é o grito do vendedor... Vá, vá depressa... já sabe: é aquele cordão... dois metros e meio, ouviu? Eu vou chama-lo daqui!



FRANCO - Dá licença?
- Dá licença?

HONORINA - Ah, é o senhor? Fique à vontade: ela voltará daqui a pouco, com o sr. Nota. Insista, insista que o Sr. vencerá!

FRANCO - Ah, é? A senhora vai ver! Vai ver como insistirei!

HONORINA - Ela deu uma lição no homem, sabe? Eu já compreendi tudo. Ela deu uma boa lição nesse cônsul!

FRANCO - Miserável... Canalha...

HONORINA - Tem razão, tem razão ; pobre môça!

FRANCO - Que môça, que môça! Sabe o que ela é? Ah, não sabe? É uma vagabunda! Uma vigarista!

HONORINA - Não! Que é que está dizendo!

LUDOVICO - Ah, o sr. já está aí...
- Ela não voltou ainda?



HONORINA - Mas... será possível?

LUDOVICO - Que é que há?

FRANCO - Há que a mulher do cônsul Grotti, quando soube que êle, hoje de manhã, veio visitar sua amante...

LUDOVICO - O que?

HONORINA - Ela? Do Cônsul?

FRANCO - Amante, meus senhores, amante!... Então a mulher foi à casa dos pais de minha noiva, denunciar a sujeira!

LUDOVICO - A senhorita Drei e o Cônsul...

HONORINA - "mante do marido !!!

FRANCO - Isso mesmo! E ainda não sei se ficaram amantes antes, ou depois do meu pedido de casamento. É isso que eu quero saber! Estou aqui para isso!

HONORINA - Mas, como? Então... Ah, meu Deus! Estou ficando maluca!

FRANCO - E sabem como foi que a mulher descobriu tudo? Quando a menina caiu do terraço!

HONORINA - Meu Deus!

FRANCO - Surpreendeu os dois, juntos... então enxotou Ersília como uma assassina... porque os dois deixaram a criança sozinha no terraço.

HONORINA - Assassinos! Assassinos! Os dois!

FRANCO - Se o marido não estivesse envolvido também, Ersília ia parar na cadeia! ^{que} depois de fazer uma coisa dessas, Ersília...

HONORIAN - ... pois é , teve a coragem...

FRANCO - ... de vir atrapalhar a minha vida!

HONORINA - A vida de todo o mundo! Todos ficaram com pena!

FRANCO - Sim, mas a mim... compreendem o que ela fez amim?

LUDOVICO - É inacreditável...

HONORINA - Com aquêlo arzinho de santa, de mártir... Ah, sem vergonha!

FRANCO - Tudo pelos ares! A desmoralização... minha noiva ludibriada.. Eu quase enlouqueci! Nem sei como ainda consigo raciocinar!

HONORIAN - Agora compreendo porque é que ela queria fugir! Quando vio o sr. , quando soube que o outro estava chegando... Ah, desgraçada! Ela viu que a mentira ia ser descobert^a! Estou com ódio por tôdas as lagrimas que ela me fêz chorar!

- Fora, hein? fora já de minha casa! Não quero uma porcaria dessas aqui dentro!

LUDOVICO - Um momento... um momento...

HONORINA - Um momento , o quê? Fora, fora! Rua!

LUDOVICO - Mas cale a bôca, um instante, por favor! ²Eu ainda não estou percebendo...

- Escute aqui, como foi que o cônsul... O sr. sabe que foi êle , o cônsul, empessoa, o primeiro a protestar contra o jornal?

FRANCO - mas, evidentemente!

LUDOVICO - Como, evidentemente? Eles deviam estar de acôrdo, acho eu: amantes!

FRANCO - Mas êle estava aqui com a mulher! A mulher, que Ersília caluniou, na entrevista que deu ao jornal!

LUDOVICO - Ah, é ... Sim, Sim, ... E, com efeito... Mas, então, foi por isso que ela ficou tão perturbada quando soube quem, no jornal, estava escrito ...

HONORINA - Que aquela senhora mandara ^{ela} fazer não sei o que na cidade...

FRANCO - Com certeza foi a mulher que impôs ao cônsul, ao menos êste desmentido!

LUDOVICO - Mas, então , era mentira...

FRANCO - ... sórdida, sórdida mentira!

LUDOVICO - ... que ela tivesse tentado o suicídio por causa do sr.?

HONORINA - Mas, como pode uma mulher mentir tão descaradamente!

LUDOVICO - Sim, sim, por isso não quer aceitar a sua reparação! ...

FRANCO - Evidentemente! Só faltava essa!

HONORINA - Pois é , coitado do sr.!

LUDOVICO - Não, nãl , desculpe; é preciso reconhecer que, ao menos isto foi um gesto de arrependimêto .



FRANCO - Sim! Mas quando? Quando ~~xxx~~ me viu aqui? Pronto a pagar pelo que eu acreditava ser uma culpa minha?

LUDOVICO - Sim, sim, mas...

FRANCO - E isto, veja bem, no melhor dos casos! Que o dizer: no caso que ela tenha se tornado amante do outro, depois! Porque se fôsse antes, então eu te ia sido enganado vergonhosamente... está pecebendo? Pelos dois, desde o começo...

LUDOVICO - Não! Isto...

FRANCO - Digo-lhe que estou aqui para apurar esse fato...

LUDOVICO - Que diferença faz? Não pode negar que encontrou aqui, a mais firme oposição da parte dela.

FRANCO - Mas eu digo antes! O engano de antes!

LUDOVICO - Não. Desculpe. O senhor não pode se queixar, em nenhum caso

FRANCO - Eu? Mas como? Eu...

LUDOVICO - Em nenhum caso! Nem mesmo antes! Se o sr. resolveu casar com outra!

FRANCO - Mas não, espera...

LUDOVICO - Deixe-me falar! O sr. já enganara Ersília acho eu... antes de saber se ela havia enganado ou não o senhor!

~~XXXXXXXXXX~~

FRANCO - E o meu engano... (admitamos) justifica o deles?

LUDOVICO - Não, é claro! Mas tira-lhe o direito de pedir contas a quem quer que seja. Tenha paciência!

FRANCO - Tenho todos os direitos! Todos! Porque eles, a traição que planejaram, chegaram a realizá-la inteirinha... Ao passo que eu me arrependi, desmanchei o noivado e vim para cá...

LUDOVICO - quando soube que ela havia tentado se matar...

FRANCO - ... mas não por minha causa! Ela mesmo o disse! Essa é boa! Agora o senhor me acusa de traição, como se a esta altura, com uma mulher dessa espécie, se pudesse falar ainda em traições!

LUDOVICO - Eu não estou acusando ninguém. Digo, apenas, que o sr. só tem razão num ponto... isto é, quando diz que ela mentou, ao declarar que se matava por sua causa! Evidentemente, ela não tinha mais o direito de falar como sua noiva, se era amante do outro. - Mas é só isso! E além do mais, não consigo compreender a razão de semelhante mentira. Podem ser úteis para a vida, mas não para a morte... Mas, quanto à vida, ela mesma a declarou inútil...

FRANCO - Isto é o que o sr. diz!

HONORINA - Se não quer levar em conta os fatos...

LUDOVICO - Pois é, este é o meu defeito. Nunca dou importância aos fatos.

HONORINA - Ainda bem que ele mesmo confessa! E sabe quais são os fatos? Primeiro, ela não morreu...

FRANCO - ... e a mentira foi mais do que inútil. Não digo em relação a mim, mas porque permitiu arranjar a proteção de um homem como o senhor.

HONORINA - Imaginem: um escritor!

LUDOVICO - Pois é, um idiota.

FRANCO - Não é isso que estou dizendo!

LUDOVICO - Pode dizer! Pode dizer!

HONORINA - Mas sim, visto que êle mesmo o disse!

FRANCO - Imagino como ela ficou satisfeita e orgulhosa... vendo sua mentira consagrada no mundo da arte! A linda história romântica do suicídio por amor! Contada, não mais por um simples jornalista, mas por um romancista de sua fama!

LUDOVICO - Sim, ela queria que eu escrevesse!

FRANCO - Está vendo?

LUDOVICO - Ficou até um tanto sentida, por que eu via a personagem um tanto diferente!

HONORINA - Ia ser um belô casal! Uma contando mentiras, e o outro contando mentiras ainda maiores!

LUDOVICO - Pois é: as mentiras chaman-se também... estórias, enrêdos.. Mas eu não tenho culpa, ouviu? Se êsse enrêdo não é verdadeiro! E o importante não é que uma história seja verdadeira. é que seja bela! Na verdade, a história dela não se realizou! Mas pode ser que eu a realize... Que eu me saia bem, onde ela saiu mal. Escrevendo, é claro! Digo mais, que, assim, o enrêdo é melhor, menos convencional. E estou satisfeito de o ter descoberto a tempo!

- Olhe, esta senhora, por exemplo, antes tôda desconfiada, depois ~~x~~ tôda comovida, e finalmente tôda furiosa!

HONORINA - Pudera!

LUDOVICO - Sim, sim, é justo, justíssimo! E, por isto mesmo é formidável! Desculpem, mas vocês querem que eu fique aqui, unicamente com o papel de idiota? Francamente, não! Agora eu me divirto mostrando como é ótima esta história de mentira descoberta!

FRANCO - Ah, o sr. acha formidável!

LUDOVICO - Justamente porque o sr. sofreu por causa disto! e ainda sofre! Não pense que eu não vejo, não sinto e um mesmo seu sofrimento! e vai ver como saberei expressá-lo se escrever uma peça ou um romance sôbre esta história...

HONORINA - Espere aí! O sr. não vai querer que eu também entre na tal peça, vai?

LUDOVICO - Se for comédia, sim.

HONORINA - O sr. não ousará!

LUDOVICO - Por que? Vai protestar? Vai gritar que não é verdade?

HONORINA - que é mentira! Tudo mentira! Que o sr. é um impostor, i-qualzinho a essa mulher!

LUDOVICO - Pode estar certa de que os críticos se encarregarão sôzinhos de dizer isto!

- Mas como é que ela não volta? A esta hora já devia estar aqui! Dei-lhe algum dinheiro, e...

HONORINA - Ah, dinheiro! A vigarista! Então não volta mais!

LUDOVICO - Fique quieta! Dinheiro para a conta do hotel, para que pudesse retirar a mala!

HONORINA -- Não volta mais, seu bôvo, nunca mais! Adeus à sua comédia. Posso ficar tranqüila!

LUDOVICO - Não, minha senhora! Porque mesmo que a vida não arranje um final, a ~~vida~~ sempre arranja! (um escritor sempre arranja)

FRANCO - Pensa mesmo que ela poderia não voltar ?

LUDOVICO - Depende. Se o fim da mentira era prático... então não volta mais. Voltara apenas se a causa da mentira estava fora e acima dos fatos. Então escreverei a minha epôca. Mas, não... eu a escreverei de qualquer maneira...

FRANCO - Sem levar em conta os fatos... ?

LUDOVICO - Os fatos! Os fatos! ~~xxx~~ Meu caro senhor, os fatos só existem na forma que a gente lhes dá. E então, dentro do nosso espírito, deixam de ser fatos, ficam sendo, apenas, vida? A vida que aparece numa determinada forma. Os fatos constituem o passado, quando o entusiasmo morre (o sr. mesmo descreveu este fenômeno aqui, de manhã) e a vida os abandona. Por isso não acredito nos fatos

EMMA - Está aí o cônsul, quer falar com a senhorita, ou com o sr. Nota.

LUDOVICO - Ah, agora é âe quem?

FRANCO - E vema propósito!

LUDOVICO - O sr. vai ficar quietinho, aqui na minha casa! Repito que o sr. não pode pedir contas a ninguém!

FRANCO - Então eu vou-me embora!

LUDOVICO - Não, o sr. fica aqui, e eu vou falar com o cônsul!

GROTTI - Dão licença? A srta. Drei...

HONORINA - Foi-se! Foi-se!

FRANCO - Pode ser que não volte numcamais!

GROTTI- Mas... não, meu Deus! Dirijo-me ao sr. Nota.

LUDOVICO - Bem, para começar, o sr. invade a minha casa, sem mais nem menos...

GROTTI - Peço desculpas. Mas preciso saber se a srta. Drei foi informada de que minha esposa...

FRANCO - ... foi à casa dos pais de minha noiva denunciar ...

GROTTI - ... sua própria laucura!

FRANCO - Então o sr. nega?

GROTTI - Não tenho nada para negar, ou para afirmar, pe ante o sr.!

FRANCO - Está muito engando! Porque o sr. vai me dizer, vai me confirmar...

GROTTI - Confirmar o quê? O delírio de minha mulher? Posso confirmá-lo a qualquer momento!

FRANCO - Está muito bem!

GROTTI - Ah, graças a Deus! Graças a Deus!

LUDOVICO - Saiu comágo, depois que eu a deixei, ela foi para o hotel

GROTTI - E o sr. também não sabia de nada?

LUDOVICO - Não. Fui informado há pouco pelo sr. Laspiga...

GROTTI - Ainda bem... porque, no desespero em que ela se encontra, êsse novo golpe...

LUDOVICO - Bem, mas o fato é que nós ~~xxx~~ estamos esperando, e ela não vem.



FRANCO - Mesmo que ela não saiba, não pode deixar de imaginar, de prever... E, visto que o Sr. Nota lhe deu algum dinheiro, é possível que ela tenha resolvido sumir.

GROTTI - Antes fôsse! Mas eu receio que...

FRANCO - Ah, então o Sr. admite?

GROTTI - Não admito nenhuma!

FRANCO - Por escrúpulo de cavalheirismo!

GROTTI - Meu caro senhor! Ainda não compreendeu que a mim não importa nada de nada, que o Sr. acredite ou não? O Sr. pode acreditar no que quiser, e sobretudo no que lhe convier!

FRANCO - Eu? O que me convém? Eu quero saber o que é, não o que me convém!

GROTTI - E depois? Quando eu lhe tiver afirmado que não é verdade?... Será que não entende que foi o senhor mesmo, que a reduziu ao desespero?

FRANCO - Eu?

GROTTI - O Sr. mesmo!

FRANCO - Mas se ela era inocente, quando foi enxotada de lá, sem ter nenhuma culpa da morte da criança...

GROTTI - Isto não!

FRANCO - Ah, isto é mentira?

GROTTI - Eu fui ao jornal exatamente para desmentir essa mentira.

FRANCO - E depois veio cá, para arranjar um acordo com "ela" sobre o resto da estória!

GROTTI - Desculpe, sr. Nota... Eu vim aqui, a pedido do pai de sua noiva, e encontrei a Srta. Drei desesperada (aliás, todos os srs. estavam presentes) porque o sr. a importunava com sua insistência!

FRANCO - Eu queria reparar o mal cometido! Por que havia de ficar desesperada com isso, se esse mal fôsse verdadeiro?

GROTTI - Porque ela pouco está ligando para a sua "reparação"! Puxa vida! Se ela não quer! Não quer! Disse-lhe isso mais de mil vezes! Não quer! Mas é uma teimosia incrível, a sua, meu senhor!

FRANCO - Pode ser, mas não diga que isto "me convém"; (para:que) O sr. arranjou a desculpa do tal desespero de Ersília, para me pôr fora do jogo, para fazer um bonito papel perante o sr. Nota... para que ele acredite / que é tudo mentira! Acontece, porém que o motivo de minha presença aqui é um só: é que ela declarou que se envenenou por minha causa!

GROTTI - Ela já disse ao sr. que isso não era verdade.

FRANCO - Outra mentira! Segunda mentira! Por que, então, contou aquilo? / Fui eu, talvez, quem a forçou?

GROTTI - Isto eu não sei ;

FRANCO - Ah, então é verdade que ela tentou se suicidar por minha causa!

GROTTI - Eu não sei por que motivo ela o fez.



FRANCO - Se é como o senhor diz, ela fêz por mim, pelo meu casamento!
Não vejo outro motivo!

LUDOVICO - Há o motivo que ela disse...

FRANCO - Não, o sr. acaba de dizer que não vê motivo algum!

LUDOVICO - Estou me referindo à vergonha, à humilhação, depois do que fizera naquela noite...

FRANCO - Pois é: foi dormir com o primeiro sujeito que encontrou!

GROTTI - Contou isso, também?

FRANCO - Isso também!... Sim, senhor!... E, ao que parece, êsso também teria sido feito por minha causa... por causa da minha traição! E o sr. queria que eu, admitindo uma coisa dessas, ficasse quieto, sem pretender, com toda a força de minha consciência, que ela aceitasse o meu arrependimento? Olhe: eu estou pronto a insistir ainda; basta que o sr. me dê a sua palavra de que sua mulher mentiu, ao afirmar que ela foi sua amante!

EMMA - Da. Honorina ... ai, meu Deus... Da. Honorina...

HONORINA - Que é que há?

LUDOVICO - Ersília ...

EMMA - Sim, senhor... voltou...

GROTTI - Onde está?

HONORINA - Onde está ela?

EMMA - Como uma morta... logo que abri... caiu, arrastando a mala...

LUDOVICO - O veneno! Ai, meu Deus, tinha mais veneno dentro da mala!

HONORINA - Ei-la...

GROTTI - Ersília! Ersília! Que foi que você fêz?

FRANCO - Ele se traiu!

LUDOVICO - Senhorita... senhorita ...

HONORINA - Meu Deus! Outra vez!

ERSÍLIA - Não é nada. Silêncio. Desta vez não devemos...

GROTTI - Não! Não! Ah, meu Deus! É preciso ajudá-la, já! Levá-la embora, já!

HONORINA - Sim, vamos imediatamente...

LUDOVICO - Sim, vamos, vamos...

ERSÍLIA - Não, não quero! - Agora chega. Pelo amor de Deus!

GROTTI - Venha comigo! Eu a levarei!

ERSÍLIA - Já disse que não quero.

LUDOVICO - Deixe-se convencer... deixe que a levemos...

HONORINA - Vou chamar um carro!

ERSÍLIA - Basta, por favor. Seria inútil!



GROTTI - Mas que está dizendo? O que devemos é não perder tempo...

ERSILIA - É inútil. Não há mais remédio. Silêncio, por favor. Deixem sossegada. Se o sr. Nota e a sra. ... não vai ser já, infelizmente... mas espero que não demore...

LUDOVICO - Sim, sim, diga... que deseja?

ERSILIA - A sua cama

LUDOVICO - Mas é claro! Venha já! Já!

HONORINA - Vamos, Vamos...

GROTTI - Que foi que você fez?

LUDOVICO - Podia ter ficado comigo! Podia ter-se lembrado disso!

ERSILIA - Não... Se eu fizesse isso, ninguém mais acreditaria em mim.

FRANCO - Mas o que é que devemos acreditar? o quê?

ERSILIA - Que, se menti, não foi para a vida, Isto.

FRANCO - E para quê, então?

ERSILIA - Para a morte. Só isso. Está vendo, Franco? Eu disse, eu gritei isso para você que, contando aquela mentira, eu estava certa de que ia morrer, e só a contei por causa disso. Você não quis acreditar. E você tinha razão, sim, porque eu não me lembrei que você existia - não me lembrei, nem por um instante... você tem razão, eu não pensei que teria perturbado, arrastado você desta maneira... Mas é que eu estava com tanto desprezo de mim mesma!

FRANCO - Mas como? Você me acusava...

ERSILIA - Eu não!

FRANCO - Como não?

ERSILIA - Não, não... Meu Deus, é tão difícil de dizer... imagino como é difícil de acreditar. Mas agora vou dizer tudo. Eu estava com tanto horror de mim mesma, que não pensei que ia causar um prejuízo tão grande a você. Odeio acreditar, Franco. Veja: quis de propósito, adquirir antes o direito - este - o direito de ser acreditada... Eu lhe causei todo esse transtorno - a você e à sua noiva - e sabia que não devia fazer isso... que já não tinha nenhum direito de fazer isso, porque ... porque... Você já sabe de tudo? A mulher dele contou, não foi?

FRANCO - contou.

ERSILIA - Eu imaginava. E ele veio aqui para negar, não foi?

FRANCO - Foi.

ERSILIA - Está vendo?
- E você também...

ERSILIA - Falou em sonho... não sei, coisas bonita, - E veio aqui para remediar, negou. Não, não por favor! É que cada um de nós, quer fazer bonito, - e mais queremos parecer limpos, eis-tudo. Sim, meu Deus... a gente quer se cobrir com uma roupinha decente. Isso. - Eu não tinha mais roupa para aparecer diante de você. E soube que você, também havia largado a sua linda roupa de marinheiro. Então eu me vi, me vi na rua, despida, sem nada, e ... então sim, mais um punhado de lama, em cima, para acabar de me sujar! - Meu Deus, que horror, que noze! - E então... então quis fazer, para a morte, ao menos, um vestidinho

Teatro de Arena
Av. Borges de Almeida, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

decente. - Estão vendo por que menti? Por isso, juro! - Nunca pude ter um para a vida; uma aparência mais ou menos boa; sempre vinham os cães tantos cães, rasgar minha roupa; sempre ficava suja, pela s misérias mais baixas, mais mesquinhas. - Então quis uma roupa - bonita - para a morte: a mais bonita - aquela que fôra uma espécie de sonho para mim, lá... e que também me foi logo rasgada... a de noiva! Mas para morrer-ouviu? - para morrer, e para mais nada. - Com um pouco de compaixão pelos outros e mais nada. - Mas não! Não pude guardá-la! Rasgada, manchada, logo, essa também! Não! Tinha de morrer nua! Desmascarada e desprezada! Estão satisfeitos? Vão-se embora. Deixem que morra em silêncio: nua. Vão-se embora, cho que agora, tenho todo o direito de dizer que não quero ver mais ninguém. Vão contar... vão contar... você à sua esposa... e você, à sua noiva... que está morta - esta, aqui - não conseguiu se vestir.

F I M do III Ato



Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025